



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS DE ARIQUEMES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

FERNANDA DE MELO

**A LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO NO PROCESSO DE ENSINO  
APRENDIZAGEM DA LEITURA**

ARIQUEMES-RO  
2016

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS DE ARIQUEMES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

FERNANDA DE MELO

**A LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO NO PROCESSO DE ENSINO  
APRENDIZAGEM DA LEITURA**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia – Habilitação em Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Gestão Escolar, da Universidade Federal de Rondônia, no primeiro semestre de 2016.

Orientador: Prof. Dr. Idone Bringhenti

Coorientadora: Profa. Dra. Ilka de Oliveira Mota

ARIQUEMES-RO

2016

**Dados de publicação internacional na publicação (CIP)**  
**Biblioteca do Campus de Ariquemes/UNIR**

M528a

Melo, Fernanda de

A literatura infantil como recurso no processo de ensino aprendizagem da leitura. / Fernanda de Melo. Ariquemes-RO, 2016.  
72 f. : il.

Orientador: Prof.(o) Dr. Idone Bringhenti.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento Pedagogia, Ariquemes, 2016.

1. Leitura e escrita. 2. Hábito de ler. 3. Leitura - Motivação. I. Fundação Universidade Federal de Rondônia. II. Título.

**CDU: 82-93: 373.3**

Bibliotecária Responsável: Fabiany M. de Andrade, CRB: 11-686.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS DE ARIQUEMES**

Criado pela Resolução 006/CONSUN, de 16 de maio de 2007

Av. Tancredo Neves, 3450 - Centro/Ariquemes-RO / Cep: 76.872-848  
Fone/Fax: (69) 3535-3563/ E-mail: [campusariquemes@unir.br](mailto:campusariquemes@unir.br)

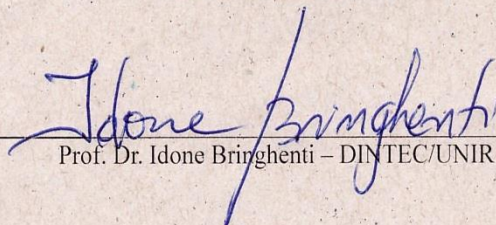
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED**

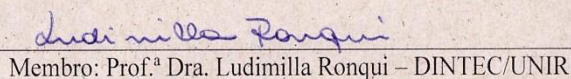
**FERNANDA DE MELO**

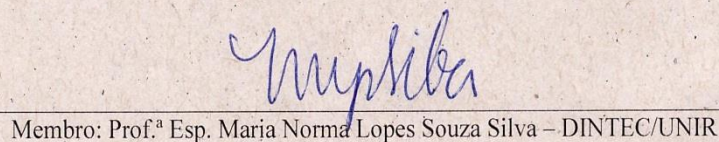
**A LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA  
LEITURA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**Banca Examinadora**

  
Prof. Dr. Idone Bringhenti – DINTEC/UNIR

  
Membro: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ludimilla Ronqui – DINTEC/UNIR

  
Membro: Prof.<sup>a</sup> Esp. Maria Norma Lopes Souza Silva – DINTEC/UNIR

Ariquemes-RO, 02 de Maio de 2016.

*Dedicação especial aos meus pais pelos ensinamentos que foram essenciais ao meu crescimento pessoal; Ao meu esposo pelo seu amor incondicional.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por não permitir que eu desistisse diante dos inúmeros obstáculos, por me dar forças para que eu seguisse enfrente.

Aos meus pais, que desde sempre me incentivaram, acreditaram em mim, e me fizeram acreditar que somente através dos estudos eu seria capaz de chegar onde eu almejasse, pois teria mais oportunidades.

Aos meus irmãos, que assim como eu procuraram as oportunidades através dos estudos e me inspiraram.

Ao meu esposo que esteve sempre ao meu lado pacientemente, mesmo quando inúmeras vezes deixávamos de fazer algo juntos porque eu precisava dedicar mais tempo aos estudos.

As amigas Elizabete Pereira da Silva, Alzira Mara Figueiredo, Viviane soares companheiras de grupos e as quais construí uma grande amizade. Fizeram parte da minha formação tornando-a menos árdua, pois as reuniões do grupo de trabalhos costumavam ser divertidíssimas, espero que continuem sempre presentes em minha vida.

Aos demais colegas da faculdade com quem passei momentos incríveis e sempre me lembrarei de todos.

À minha co-orientadora professora Ilka de Oliveira Mota que, com sua gentileza e sorriso no rosto sempre; contribuiu genuinamente para o meu desenvolvimento intelectual, me orientou pacientemente enquanto pode, até que por motivo de força maior não pode continuar sendo minha orientadora, mas que não mediu esforços para que eu continuasse o meu trabalho que já estava bem encaminhado e rapidamente me encaminhou para outro orientador. Obrigada por tudo.

Ao meu orientador professor Idone Bringhenti, que me acolheu carinhosamente e continuou com maestria e dedicação a orientar o meu trabalho até que esse depois de muitos esforços pode ser finalizado, graças ao seu empenho e tempo destinado, sou-lhes muito grata por isso.

Aos demais professores da Unir, que sem exceção contribuíram positivamente para que eu chegasse na conclusão desse ciclo que se encerra que é a graduação.

*“A Literatura Infantil tem um grande significado no desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo”.*

*Rufino e Gomes*

## RESUMO

O presente estudo versa sobre a literatura infantil como recurso no processo de ensino aprendizagem na aquisição da leitura. Tendo como objetivo central analisar como acontece o modo de abordagem da literatura infantil por professores alfabetizadores da cidade de Ariquemes. A leitura sempre foi e sempre será ato de grande importância para o aprendizado em todas as fases educacionais, sobretudo durante o processo de alfabetização, pois como indicam Magda Soares, Regina Zilberman, e outros renomados autores quando a criança ouve alguém ler pra ela é, também, uma forma de ler. É sabido por todos que a cada dia criar o hábito da leitura nos pequenos tem se tornado um desafio maior, pois as crianças, já muito novas, têm contato com recursos tecnológicos, como a televisão, o computador e a *internet*, munidos de sons, imagens e movimentos, isso faz com que o livro se torne obsoleto e deixado em segunda opção. Contudo, é preciso incentivar e motivar os infantes a desenvolverem o gosto pela leitura e através da literatura infantil se constitui um veículo de manifestação da cultura e de ideologias. Isso porque a leitura leva o sujeito à reflexão, uma vez que, proporciona momentos em que o leitor deixa o real e vive o imaginário e deste contemple o seu mundo real, pois o imaginário fala de seu mundo com suas dificuldades e soluções, ajudando-o a conhecê-lo melhor. Logo, discutir a importância de se introduzir as crianças no universo da literatura induzindo-as ao gosto pela leitura se faz tarefa de grande relevância aos profissionais da educação. As principais teorias e fundamentos empregados nesta pesquisa permitiram dizer que, embora a leitura seja um dos meios fundamentais pelos quais o desenvolvimento da criança pode se constituir, falta à escola um trabalho mais consistente e laborioso, no que diz respeito ao incentivo da leitura como uma via importante para inserção do aluno no universo do letramento, e, tal via, se propaga pelas veredas da literatura.

**Palavras-chave:** Leitura e escrita. Hábito de ler. Motivação.



## **ABSTRACT**

*This study deals with children's literature as a resource in the teaching learning in reading acquisition. With the central objective to analyze how does the approach mode of children's literature for literacy teachers in the city of Ariquemes. Reading has always been and will always be an act of great importance to learning in all educational stages, especially during the process of literacy, because as indicated by Magda Soares, Regina Zilberman, and other renowned authors when the child hears someone read to her is, also, one way to read. It is common knowledge that every day to create the habit of reading in small has become a greater challenge because the children as very young, have contact with technological resources, such as television, computer and internet, equipped with sounds, images and movements, this makes the book becomes obsolete and left second option. However, we need to encourage and motivate infants to develop a taste for reading and through children's literature is a vehicle of manifestation of culture and ideologies. This is because reading takes the subject to reflection, as, provides moments when the player leaves the real and the imaginary lives and contemplate this your real world because the imagery speaks of his world with its difficulties and solutions, helping the to know him better. Then, discuss the importance of introducing children to literature universe inducing them to taste for reading becomes very important task for education professionals. The main theories and employees foundations in this research allowed to say that while reading is one of the fundamental means by which the development of the child may be, misses school a more consistent work and industrious, with regard to the reading of the incentive as a via important for insertion of the student in the literacy of the universe, and this way, it propagates the paths of literature.*

**Keywords:** *Reading and writing. Habit of reading. Motivation.*

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Qual sua formação acadêmica .....	52
Gráfico 2 – Motivos pelo qual levaram a fazer opção pela sua formação .....	53
Gráfico 3 – Quanto tempo ministra aulas em classe de alfabetização .....	54
Gráfico 4 – Qual a frequência que utiliza a literatura infantil na semana em sala de aula .....	57

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

APP	Associação de Pais e Professores
LDB/96	Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996
MEC	Ministério de Educação e Cultura
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEMEC	Secretaria Municipall de Educação e Cultura

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA</b> .....	14
1.1 SURGIMENTO DA LEITURA E ESCRITA: CONTEXTO HISTÓRICO .....	14
1.2 LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO .....	15
1.3 LEITURA COMO EXPRESSÃO DE MOTIVAÇÃO.....	18
1.4 PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA .....	21
1.5 LEITURA E LITERATURA INFANTIL: UMA RELAÇÃO DINÂMICA À APRENDIZAGEM.....	23
1.6 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO .....	27
<b>2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA BRASILEIRA</b> .....	29
2.1 A LITERATURA INFANTIL.....	31
<b>2.1.1 A Literatura Infantil no Brasil</b> .....	33
2.2 ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DA LITERATURA INFANTIL .....	35
2.3 A LITERATURA INFANTIL COMO FACILITADORA NA FORMAÇÃO DE LEITORES.....	36
2.4 A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A SUA IMPORTÂNCIA.....	40
<b>2.4.1 A Literatura Infantil na Escola</b> .....	43
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	45
3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA .....	45
3.2 PESQUISA DE CAMPO .....	45
3.3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA.....	46
<b>3.3.1 Breve Histórico da Escola</b> .....	46
3.4 RELATOS DAS OBSERVAÇÕES.....	48
<b>3.4.1 Observações nas classes de 1º ano</b> .....	49
<b>3.4.2 Observações nas classes de 2º ano</b> .....	50
<b>3.4.3 Observações nas classes de 3º ano</b> .....	51
<b>4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	52
4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	62
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	64
<b>APÊNDICES</b> .....	69

## INTRODUÇÃO

O tema do trabalho ora apresentado é a literatura Infantil e sua importância no processo de aquisição da leitura. De acordo com Abramovich (2010), na leitura de uma história a criança desenvolve-se criticamente, pois, a partir dela surgem questionamentos; a criança é desafiada a querer saber mais, porém, tal prática deve ser feita (elaborada) a partir de pressupostos teóricos que considerem o sujeito como ser social e não por meio de esquemas repetitivos que pressupõem um sujeito repetidor e acrítico.

Dessa forma, na sala de aula o ato de ler deve ter propósitos ligados ao interesse das crianças para que elas possam interagir com a leitura, desenvolvendo assim o hábito de ler com prazer e interesse. Desta maneira as dificuldades que possam surgir serão mais fáceis de serem resolvidas, pois, através da leitura cada criança apresenta seu modo peculiar de compreensão, cabendo ao professor diferenciar e aplicar metodologias diferenciadas para que todas as crianças possam se tornar leitores cada um com sua individualidade.

Neste raciocínio, a escolha pelo tema foi motivada principalmente pelas aulas de estágio em que se observou que as crianças não se interessavam pelas aulas de leitura, se dispersavam, tudo indicava que as aulas de alguma maneira não eram prazerosas. Esse fato instigou o desejo de compreender as razões que motivavam essa situação.

O pressuposto que sustenta este trabalho é que embora se trabalhe a literatura infantil em sala de aula, e os discursos afirmarem que é um recurso fundamental no aprendizado da criança, acreditamos que as metodologias utilizadas nessa prática não são atrativas o suficiente para torná-la produtiva no que diz respeito ao aprendizado.

Partindo desse pressuposto, formulou-se a hipótese de que, no contexto didático-pedagógico das séries iniciais, não há uma tendência de se trabalhar a literatura infantil como uma forma produtiva de aquisição da leitura, no entendimento de Solé(1996), os professores encontram dificuldades metodológicas para se trabalhar a literatura infantil de maneira instigante, o que impede que as crianças se interessem pela prática da leitura, resultando na falta de entusiasmo em sala de aula, e no distanciamento cada vez mais do mundo letrado que é de fundamental importância para o seu pleno desenvolvimento cognitivo. (SOLÉ 1998, P.33)

Com base na hipótese esboçada, formulamos as seguintes perguntas de pesquisa que orientarão este trabalho, a saber:

- i)) Como a literatura infantil é trabalhada no contexto das séries iniciais, isto é, como se dá a sua abordagem?
- ii) As atividades didático-pedagógicas favorecem o gosto pela leitura, isto é, despertam para o universo da leitura?
- iii) De que forma a Literatura Infantil é utilizada como recurso pedagógico?

Desse modo, o objetivo desta pesquisa consiste em verificar como acontece o modo de abordagem da literatura infantil por professores alfabetizadores de uma escola da cidade de Ariquemes.

Tendo como objetivos específicos:

- i) Discutir sobre como a literatura infantil é trabalhada no contexto das séries iniciais,
- ii) verificar se as atividades didático-pedagógicas trabalhadas nas séries iniciais favorecem o gosto pela leitura e, finalmente
- iii) Verificar de que forma a Literatura Infantil está sendo utilizada como recurso pedagógico

Assim, buscando o entendimento necessário para o desenvolvimento da pesquisa fundamentou-se esse elaborado monográfico na pesquisa bibliográfica que teve como teóricos: Aguiar (1993), Antunes (2002), Bamberger (2002), Coelho (2002-2010), Freire (2001), Soares (2003), Zilberman (2005-2006) dentre outros, além de leis que dissertam acerca do tema, bem como lançou mão da pesquisa de campo realizada por meio de aplicação de questionário semiestruturado, conversas informais e observações *in loco* com nove professoras alfabetizadoras.

Para tanto a pesquisa encontra-se sistematizada em quatro seções, das quais estão assim sinalizadas: na primeira seção, destaca-se o processo de aprendizagem da leitura e o seu surgimento historicamente, a sua importância no mundo atual, à leitura como expressão de motivação e o processo de desenvolvimento, focaliza a junção da leitura e a literatura infantil como uma relação na aprendizagem, finaliza-se essa seção com detalhes sobre a alfabetização e letramento.

A segunda seção, traz um breve histórico da literatura brasileira, realçando também a literatura infantil, os seus aspectos teóricos e práticos, ela vista como facilitadora na formação de leitores e a sua importância, destacando ainda a literatura infantil no âmbito escolar.

A terceira seção, descreve-se os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa, com ênfase na pesquisa bibliográfica e de campo, além caracterizar a escola pesquisada e relatar as observações *in loco* nas salas de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.

Finalmente, a quarta seção tratará da análise e discussão dos resultados à luz das teorias. Em seguida, apresenta-se as considerações finais, onde sem delongas traz as principais informações elencadas ao longo de toda pesquisa. Na sequência, estarão as referências bibliográficas e os anexos.

Assim, o estudo aqui proposto ganha em relevância ao instigar tais discussões e mais ainda, por buscar na prática diária do professor alfabetizador informações que serão neste comparadas às teorias e comporão os fundamentos das conclusões do estudo.

## 1 PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA

Esta seção tem como norte abordar as questões relacionadas à aprendizagem da leitura e as suas características, para tanto descreve em um primeiro plano o surgimento da leitura, destacando a seguir a leitura e a sua importância no mundo moderno e como expressão de motivação, bem como, se processa o desenvolvimento da leitura, discorrendo ainda sobre a literatura infantil e a sua relação com a aprendizagem, finalizando esse tópico com ênfase à alfabetização e letramento.

### 1.1 SURGIMENTO DA LEITURA E ESCRITA: CONTEXTO HISTÓRICO

Os primeiros signos com a finalidade de transmitir mensagens e ideias datam da pré-história, tratam-se de desenhos feitos nas paredes de cavernas, as chamadas pinturas rupestres, contudo estudiosos afirmam que não pode se considerar uma escrita, visto que “não havia organização, nem mesmo padronização das representações gráficas” (LOPES, 2009, p. 2).

As primeiras peças escritas foram encontradas na cidade de Uruk, na Mesopotâmia. Datam de 3.300 a.C., e se constituem de placas retangulares e convexas de argila, nas quais figuravam imagens de objetos concretos - os “pictogramas”, e sinais abstratos interpretados como números (ZETTEL, 2002).

Trezentos anos mais tarde, os sumérios já haviam desenvolvido sinais fonéticos (que representam sons) e ideogramas (sinais que representam formas abstratas), isto é, pictogramas menos ligados à realidade visual. Os sinais silábicos, parte dos fonéticos e derivados dos ideogramas, tinham valores gramaticais e eram utilizados para exprimir partes do discurso que, por sua natureza, não poderiam ser expressos de forma figurativa. Portanto, os sumérios não alcançaram à criação de um alfabeto, ou seja, um sistema em que os sinais são independentes e formam palavras quando justapostos (como o de vogais e consoantes) (QUENTAL, 2000).

Algum tempo depois, os mais diversos materiais eram aproveitados pelos egípcios para a fixação de seus escritos, como pedras, fragmentos de terracota ou de rocha calcária, tábuas de madeira. Para obras mais luxuosas empregava-se um material mais nobre, o papiro, que originou o nome do papel atual (*papier* em francês e *paper* em inglês) (ZETTEL, 2002).



De acordo com Zettel (2002), posteriormente, a história do livro mostra os Códigos, sua forma de utilização, seus elementos decorativos, e sua produção. Surgiu-se a partir desse período, o Códice Bizantino e a iluminação bizantina que abrange os séculos IV e V, declinando com o apogeu da iluminação ocidental, com cores mais leves e foscas.

Com a queda do Império romano, a produção de livros teve uma lenta evolução, culminando com as invasões bárbaras, no século V, desaparecendo a aristocracia culta e dedicada aos estudos, em consequência, há um grande empobrecimento e uma grande ruralização, aumentando o analfabetismo e surgindo o monarquismo, com o objetivo de fomentar a austeridade cristã através dos ideais ascéticos e da vida eremita, sendo marcada pela ordem beneditina, criada por Benito de Nursia, no século V, no Mosteiro de Montecasino, onde os temas escritos eram religiosos e alguns textos clássicos que os monges utilizavam para praticar a língua latina.) (SILVA FILHO, 2010, p. 2).

Mais tarde, por volta do século XIII inicia-se, na Europa a encadernação de folhas, ainda manuscritas, mas foi com a invenção da imprensa, no século XV, que o livro popularizou e as pessoas tiveram acesso ao mesmo.

Entre o século XIII e o XV, se desenvolve em toda a Europa a encadernação gótica e durante todo século XVI, os manuscritos são luxuosos, convivendo com livros populares com o objetivo de satisfazer todos os gostos e necessidades. Assim, entre o século XV e XVI nasce a fabulosa invenção de Gutemberg a prensa (CAMARGO, 2012, p. 3).

Desse modo, com a aparição do papel, material muito mais barato, a nova tecnologia foi batizada com o nome de "Galáxia Gutenberg" e o manuscrito foi concebido com uma forma de arte e produto exótico frente a obra mecânica que o tempo se encarregará de converter o invento em uma importante revolução da história da cultura. A partir de então surgiu o processo da escrita e, por conseguinte a leitura.

## 1.2 LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

No contexto escolar, a leitura, para ser bem sucedida, precisa ser trabalhada enquanto prática social que envolva o sujeito-aluno e favoreça uma aprendizagem

significativa, por ser uma tarefa essencial para a construção do conhecimento e descobertas das múltiplas faces da linguagem. O ato de ler e escrever deve despertar no aluno o interesse em utilizar o texto como fonte de aprendizagem, compreendendo as informações e as relações de sentido nele presentes. Para isso é importante uma metodologia que permita a leitura e interpretação de textos em diversos gêneros textuais que circulem socialmente. Acreditamos que essa é uma possível via para o despertar no leitor o prazer pela leitura e escrita.

Bolfer (2008) a leitura é de fundamental importância na vida dos sujeitos em uma sociedade como a nossa para a qual a letra impressa é uma realidade. “Constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento.”

Definir leitura é muito complicado, mas de uma forma bem simplificada é o processo onde um indivíduo olha para um texto e atribui um significado aos símbolos encontrados no mesmo (AEBERSOLD; FIELD, 1997). Segundo Kleiman (2002), a leitura é um processo interativo, pois há interações entre os conhecimentos: linguísticos, textual, e contexto histórico.

Já para Leffa (1996), há várias maneiras de definir a leitura, dependendo do enfoque e do grau de generalidade que se pretenda definir esse termo. Pode-se discutir leitura apresentando quatro definições, sendo elas: uma geral, duas específicas e uma conciliatória. Vejamos:

A definição geral tem a finalidade de oferecer a essência do ato de ler, servindo de base comum para qualquer definição mais específica. As duas definições específicas atêm-se, cada uma, a um determinado polo da leitura, desconsiderando o outro. Finalmente, a definição conciliatória tenta captar justamente os elementos que unem os dois polos, oferecendo uma definição que seja, ao mesmo tempo, suficientemente ampla para que se incluam os elementos essenciais da leitura e suficientemente restrita para que não se incluam aspectos que pertencem a outras áreas de conhecimento. (LEFFA, 1996, p. 9).

Segundo o autor do paragrafo anterior, essas quatro definições de leitura, retratam qual enfoque se quer dar à mesma, visto que a leitura não é um processo isolado, isto é, aquém do contexto histórico do qual faz parte. A primeira definição é a geral onde se destaca apenas o produto final que é a leitura propriamente dita. A

segunda definição é a específica onde são mencionados os dois polos da leitura que são: leitor e texto, porém sem relacioná-los, e a última e como o próprio nome já diz conciliatória, busca justamente mostrar que a leitura é formada pela junção dos elementos dos dois polos.

No que tange ao ato de ler, para Brandão e Micheletti (2011, p. 18), este se constitui um processo amplo e complexo, que envolve a compreensão de mundo, sendo então: “característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva”. O leitor que, em linhas gerais, vai dar sentido ao texto, e por isso é um ser ativo, o texto só ganha vida devido ao ato da leitura, leitura essa que só será possível através da interação do leitor com o texto, que dará significado ao texto.

Conforme relata no seu livro, Freire (1999, p. 13, grifos do autor) afirma:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implicam a continuidade da leitura daquele [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “**escrevê-lo**” ou de “**reescrevê-lo**”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Ainda segundo Freire (1999) explica que a leitura tanto influencia o mundo como ao contrário também é verdadeiro, pois com o significado que se dá àquilo que se lê também o sujeito reescreve sua história, suas experiências, e, o mais interessante, estabelece relações de sentido com o mundo em que vive.

Também Cordeiro (2006) afirma que o processo de leitura não consiste apenas em exercício de decodificação de textos, mas sim de uma atividade na qual os sentidos são construídos na relação entre texto, autor e leitor, sendo que este último no caso dá sentido ao texto a partir do seu conhecimento sobre um determinado assunto. Nas palavras da autora:

A leitura, vocês já devem ter lido e discutido sobre isto, repetidas vezes, faz parte de nosso cotidiano, indo além da habilidade de decifração de sinais aprisionados em uma perspectiva técnica. Mais que isto, ela promove novos saberes no encontro entre o texto e o leitor. (CORDEIRO, 2006, p. 91)

Dessa forma, é possível dizer, então, que ler não é decodificar letras, palavras, repetir ou reproduzir algo que já está finalizado (pronto, acabado). Ler é, a partir da relação estabelecida entre texto, autor e leitor, inscrever-se como sujeito e ter a sua subjetividade deslocada.

Mas através do que o autor quis transmitir no texto, cada leitor constrói o seu próprio sentido, um significado de acordo com seus objetivos, com seus conhecimentos de cada texto lido.

Desse modo, cada sujeito leitor lerá diferentemente, isto é, de acordo com a(s) posição(ões) ideológicas a partir da(s) qual(is) enuncia. É preciso levar em consideração também o fato de que o contexto sócio-histórico e ideológico é determinante do modo como os sujeitos leem/interpretam. A compreensão que demanda da leitura não se dá no nível individual, mas social, histórico. Isto significa que não há a possibilidade de cada um ter a sua leitura, a sua compreensão. Há uma determinação histórica que permite certas leituras e não outras. Em síntese: a leitura é determinada historicamente.

É preciso compreender tal diferença não como algo do indivíduo, mas da singularidade: aquilo que é singular a cada sujeito de linguagem. Não é possível milhares de interpretação (leitura) para um texto.

### 1.3 LEITURA COMO EXPRESSÃO DE MOTIVAÇÃO

A leitura proporciona ao sujeito que lê viajar por inúmeras dimensões sem sair do lugar, no entanto para que a leitura se torne agradável e libertadora é necessário que os textos possibilitem essa viagem, o que não ocorrerá se a leitura se limitar apenas aos livros didáticos, é necessário que haja possibilidades diferentes de textos de forma a estimular o leitor.

De acordo com Brandão e Micheletti (2002) os textos didáticos são aqueles encontrados nos livros didáticos que já vem com um questionamento pronto, ou textos selecionados pelo professor também com intuito de extrair atividades, sejam elas gramaticais ou interpretativos esses últimos, chamado de textos didatizados.

Essas atividades de textos didáticos e didatizados interferem nas interpretações que os alunos podem dar a respeito da sua leitura, pois são questionamentos com recortes já definidos, atividades prontas que não permitem ao aluno refletir criticamente.

Como ressalta Silva (2005), o conhecimento nas escolas públicas chega primeiramente através da leitura impressa, dessa forma é de grande importância que o aluno seja capaz de compreender o que lê ou, o seu aprendizado será comprometido, e se a leitura do aluno ficar focada apenas em textos didáticos, com atividades propostas mecanizadas, eles perderão muito, não serão capazes de fazer leitura crítica, emancipadora.

Ainda de acordo com Silva (2005) verifica-se que o uso da leitura em sala de aula influencia diretamente no senso crítico do aluno, e na historicização dos sentidos ampliando e transformando a sua própria experiência de vida, assim a leitura se faz um veículo de manifestação da cultura e de ideologias. Isso porque a leitura de textos da literatura leva o sujeito à reflexão, uma vez que proporciona momentos em que o leitor deixa o real e vive o imaginário e deste contemple o seu mundo real, pois o imaginário fala de seu mundo com suas dificuldades e soluções, ajudando-o a conhecê-lo melhor.

Zilberman (2003), enfatiza que o acesso à leitura, na escola, além de contribuir para a formação do leitor, representa a única oportunidade de muitas crianças terem acesso aos livros e praticarem o ato da leitura, o professor neste contexto ao utilizar livros deve diversificá-los, pois é preciso buscar aflorar as múltiplas visões que cada criação literária traz, enfatizando as interpretações pessoais.

Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a respeito desse assunto, destacam: "a leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino, para que esta se constitua em um objeto de aprendizagem é necessário que tenha sentido para o aluno" (BRASIL, 2001, p. 54). Logo, como aponta os PCN's, para que os alunos se interessem pela leitura é necessário que eles sintam-se atraídos pelo texto e para que isso ocorra é necessário que essa leitura parta da sua realidade histórico-social.

Ainda a esse respeito, ancorada na perspectiva discursiva da linguagem, Coracini (1995, p. 15) afirma que o ato de ler é um processo discursivo no qual se inserem os "sujeitos produtores de sentido – o autor e o leitor. Ambos sócio-historicamente determinados e ideologicamente constituídos".

Porém para que haja esse pleno desenvolvimento do cidadão/leitor, a função da escola já não se resume ao trabalho com textos institucionalizados, um ensino

pré-fabricado, é preciso compilar a leitura dos alunos, submetê-lo a desafios, fazê-los buscar interpretações que tenham sentido para eles. (DALVI et al., 2013).

Segundo Solé (1998, p. 22), “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer [*obter uma informação pertinente para*] os objetivos que guiam sua leitura”. “Um dos desafios encontrado pela escola é fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente, pois a leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas.” (SOLÉ, 1998, p. 32).

Deste modo, os gêneros textuais explorados nas escolas deverão ser diversificados e atrativos para que o aluno venha a se interessar e possa interpretar esses textos de forma satisfatória. Para os PCN’S:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua, que consegue utilizar estratégias de leitura adequadas para abordá-los de forma a atender essa necessidade. (BRASIL, 2001, p. 54).

Sobre as diversas maneiras de se trabalhar a leitura em sala de aula, os PCN (2001) enfatizam que o professor deve trabalhar diferentes estratégias de leitura que não se reduzem apenas à decodificação, mas que permitam aos alunos compreender o sentido mais amplo da escrita. A título de exemplo, a leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a turma e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas linguísticas bem como o contexto histórico em que são produzidos que possibilitam a atribuição de determinados sentidos e não outros. Nessa atividade, os alunos têm a oportunidade de debater e de se expressar.

A escola deve contar com uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros. (BRASIL, 2001, p. 71).

Ainda para os PCN’s dinamizar o uso da biblioteca é atrair leitores, é fazer com que os alunos mantenham um convívio permanente com a biblioteca. Logo, os educandos carecem reconhecer na biblioteca ou sala de leitura um local para

exercer a prática da leitura, tendo esse reconhecimento, o ambiente por si só já terá cumprido seu papel, qual seja, seduzir os alunos para seus encantos.

Nesse sentido o objetivo da leitura é formar leitores qualificados capazes de compreender os diferentes textos com que se deparam e utilizando-os a seu benefício de forma consciente para atender as suas necessidades. Portanto, é dever da escola fornecer materiais de qualidade para seus alunos para que esses possam torna-se leitores críticos.

#### 1.4 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA

No entendimento de Silva (2011), a percepção do conhecimento encontra-se intensamente ligada aos processos e produtos da inteligência, compreendendo entidades psicológicas do tipo informação, consciência, inteligência, pensamento, imaginação, criatividade, raciocínio, a solução de problemas, a classificação e a concepção de relações, e, quiçá, o imaginário e os sonhos das crianças. que se habilita a adentrar no mundo mágico da leitura antes mesmo de compreender o signo linguístico da escrita.

No sentido de fundamentar ainda mais o aludido, recorre-se aos ensinamentos de Souza (1995) que afirma:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade. (SOUZA, 1995, p. 22).

A esse respeito, Lemos (2011) ressalta que a leitura é um processo de sucessivo aprendizado e que, já nos primeiros anos de vida, é preciso introduzir a criança no contexto literário, no sentido de que, por meio de atividades prazerosas, ela venha adquirir intimidade com o texto e paulatinamente obtenha um diálogo com o que ouve ou com o que lê.

É por isso que, de acordo com Ministério de Educação e Cultura (MEC), é importante que as crianças tenham experiências felizes no trato com a leitura, conforme explicita o texto abaixo:

Sabemos hoje, que as crianças que vivem em ambientes ricos em experiências de leitura e escrita, não só se motivam para ler e escrever, mas começam, desde cedo, a refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades. Disso deriva uma decisão pedagógica fundamental; para reduzir as diferenças sociais, a escola precisa assegurar a todos os estudantes – diariamente – a vivência de prática reais de leitura e produção de textos diversificados. (BRASIL, 2007, p. 70).

De acordo com Lemos (2011) é preciso que as instituições escolares, responsáveis pelo ensino da leitura e da escrita, desenvolvam as experiências das crianças e dos adolescentes, de tal sorte que eles possam ler e produzir diversos textos com autonomia. Para que isso aconteça de forma produtiva, é primordial que, desde a educação infantil, a escola tenha a preocupação com o desenvolvimento dos conhecimentos referentes à aprendizagem da escrita alfabética, assim como daqueles ligados ao uso da linguagem escrita.

Bamberger (2002) apresenta algumas sugestões para desenvolver os hábitos da leitura na educação infantil e seus níveis conforme a idade da criança, podendo ser assim sintetizados:

a) Período pré-escolar: consiste em incentivar na criança a expectativa de aprender a ler, o que tornará mais fácil o ensino da leitura no primeiro ano da escola. Em todas as atividades nessa área, entretanto, é preciso tomar sempre cuidado para não sobrecarregar a criança em idade pré-escolar.

b) Primeiros anos da escola: a ajuda do professor nesta fase é extremamente importante para que o desenvolvimento e os interesses da leitura estejam em evidência. A leitura deve ser entusiasmada e interessante, os exercícios de compreensão devem ser quase sempre transferidos para a hora da gramática, linguagem oral ou composição.

c) O quarto e quinto ano de escola: os anos de mudança entre a idade do conto de fadas e a idade das aventuras são de maneira especial extraordinários no ensino da leitura e no desenvolvimento do hábito de ler. Pode-se dizer que, se a criança até aqui não tiver adquirido o gosto pela leitura e tampouco tiver criado interesses especiais de leitura, são poucas as probabilidades que a situação venha a se modificar mais adiante.

Destacando ainda a maestria de Bamberger (2002), sabe-se que o hábito da leitura como atividade regular somente será realidade se a criança estiver



convencida da sua importância e do que a leitura poderá fazer por seus interesses pessoais, emocionais e sociais. Portanto, o começo é a satisfação de interesses e necessidades inatas.

## 1.5 LEITURA E LITERATURA INFANTIL: UMA RELAÇÃO DINÂMICA À APRENDIZAGEM

É inegável admitir que a leitura leva a criança a desenvolver sua imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa, mesmo que não saiba ler a criança pode fazê-lo por meio da leitura do professor, ainda que não consiga decifrar as palavras, ouvir um texto, já é uma forma de leitura, quando o professor realiza com frequência atividades de leituras de um mesmo gênero está proporcionando às crianças oportunidade de conhecerem as suas características, desde que se respeite a fase de desenvolvimento da criança.

Na Educação Infantil, aquelas crianças que ainda não são alfabetizadas procuram textos literários infantis não para estudar, mas tão somente para ver as figuras e a mensagem que os livros transmitem, mesmo porque a leitura e o ato de aprender encontram-se enraizados nas pessoas desde a mais tenra idade, como bem enfatiza Zilberman (2005):

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica. (ZILBERMAN, 2005, p. 107).

Por isso que as histórias infantis têm faculdade possibilitar atividades com a finalidade de inserir a interdisciplinaridade na alfabetização, a fim de que essas atividades não fiquem cansativas e repetitivas às crianças. Não obstante, Zilberman (2005), traz o seguinte posicionamento:

“O que a ficção lhe outorga é uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua restrita experiência existencial, por meio de sua linguagem simbólica. Logo, não se trata de privilegiar um gênero ou uma espécie em detrimento de outras, uma vez que os

problemas peculiares necessitam ser examinados à luz dos resultados alcançados por escritor; e sim de admitir que, seja pelo conto de fadas, pela reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas, ou pelo relato de aventuras, o leitor reconhece o contorno no qual está inserido e com o qual compartilha lucros e perdas.” (ZILBERMAN, 2005, p. 27).

Logo, o educador ao trazer um mundo imaginário através da literatura infantil para a realidade das crianças consegue desenvolver alguns temas que podem ser trabalhados visando os objetivos da educação infantil.

Sobre essa questão Vygotsky (1998), com muita propriedade assim se pronuncia:

Palavras e gestos possibilitam transformar uma coisa em outra. É a linguagem que torna possível o faz de conta, a criação da situação imaginária. A criação não emerge do nada, mas requer um trabalho de construção histórica e participação da criança na cultura. A brincadeira infantil é, assim, um lugar por excelência de incorporação de práticas e exercícios de papéis sociais) (VYGOTSKY, 1998, p. 110).

Conforme destaca Vygotsky (1998), ao trabalhar os contos e obras literárias infantis possibilita aos infantes modificar o mundo das fantasias das histórias em situações reais, dentro daquilo que acontece em seu cotidiano, e, por conseguinte, inserir aspectos de leitura e escrita de uma maneira lúdica e coerente.

Retratando a questão da leitura, Goes (1990, p. 16), destaca que:

A leitura para a criança não é, como às vezes se ouve, meio de evasão ou apenas compensação. É um modo de representação do real. Através de um "fingimento", o leitor re-age, re-avalia, experimenta as próprias emoções e reações. Ao contemplarmos esta afirmativa vemos como a leitura e a sua utilização pode promover condições de aprendizagem e relaxamento, buscando um aprendizado fluente.

Assim as histórias infantis, os contos de fadas têm um determinado momento para serem introduzidos no desenvolvimento da criança, variando de acordo com o grau de complexidade de cada história. Seguindo este raciocínio, Coelho (2000), leciona que:

[...] a literatura infantil vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor a que se destina [...] e consciente de que uma das mais fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação –

espaço ideal da literatura. É pelo imaginário que o eu pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo em que lhe cumpre viver (COELHO, 2010, p. 141).

Sob esta ótica, pode-se perceber que a literatura infantil funciona como um elo entre os dois mundos, ou seja, o real e o imaginário, onde os infantes gradativamente decodificam e vivenciam emoções que nem sempre podem ser vivenciadas no mundo real. Desse modo, a literatura possibilita viver momentos inusitados, incluindo-se aí o mundo objetivo e o mundo abstrato.

Sendo assim, através do contato do sujeito que lê com o texto lido constroem-se novos conhecimentos, pois como afirma Piaget *apud* Haydt (2004, p. 45), “o conhecimento se constrói a partir do confronto daquilo que se conhece com novas situações”, logo o ato de conhecer é um processo de construção de novos conhecimentos, é abrir-se para outras culturas, é confrontar conhecimentos e, portanto, é necessário que ao trabalhar a literatura o professor faça da sala de aula (ou biblioteca) um espaço de variedades, de interação do aluno com os livros. O acesso à literatura, na escola, além de contribuir para a formação do leitor, representa a única oportunidade de muitas crianças de lerem.

Zilberman (2005), leciona que o professor que se utiliza do livro em seu magistério não deve reduzi-lo a um número limitado de questões tidas como corretas, mas buscar aflorar as múltiplas visões que cada criação literária traz, enfatizando as interpretações pessoais.

Dentro da proposta construtivista podem-se encontrar várias atividades que estimulam nas crianças o gosto pela leitura sobre as quais discorre-se a seguir:

**A hora da história;** o ato de ouvir é estimulado através da contação de histórias e é um dos aspectos fundamentais na aprendizagem, por isso se faz uma atividade obrigatória nas classes de Educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental; Segundo Bomtempo (2002), para otimizar esse processo o professor deve tomar os cuidados de conhecer os alunos, observando seus interesses e contexto social e conhecer a história priorizando as que tragam conteúdos conhecidos pelas crianças, respeitando a cultura local e trazendo novas experiências.

**A História como Ponto de Partida;** Instigar os comentários das crianças sobre as partes que mais gostaram propicia inúmeras atividades como a reescrita da história podendo ser em quadrinhos ou em forma de textos; recontar a história com

fantoches que podem ser confeccionados pelos próprios alunos; caracterizar oralmente ou escrito os personagens; desenhar, recortar, colar, e montar cenas da história; em fim são inúmeras as atividades que podem ser desenvolvidas a partir da história que conduziram as crianças a intensas produções.

**Jornal-Mural;** trata-se de um mural, que deve ser colocado em local de fácil acesso a todos os alunos, educadores e pais; Pode conter notícias sobre diversos assuntos como: quem ganhou algum prêmio em literatura infanto-juvenil; Lançamentos de livros; Resumo de livros pouco lidos, a fim de instigar a curiosidade; Notas de jornais ou revistas acerca de concursos literários; Opiniões escritas sobre livros por alunos; destaque para novas aquisições da biblioteca, enfim o mural deve ser a vitrine a incentivar e facilitar a busca e o acesso às mais variadas obras literárias e demais atividades culturais possíveis.

**Exposição de Obras;** a exposição torna conhecidas as obras e auxilia na escolha do aluno quando decide ler um livro, esta deve ser colocada a fácil acesso em lugares de muita frequência pode ser organizado por autor, gênero, lançamento, preferências, enfim o importante é proporcionar ao aluno a oportunidade de conhecer a obra.

**Leitura compartilhada;** Ler em voz alta habitua os alunos com a linguagem escrita e o conhecimento de novas palavras, nos casos de crianças que ainda não leem o faz pela escuta, lendo todos os dias de aula cria-se o hábito da leitura que conservara por toda a vida adulta. Por isso é importante a escolha das leituras considerando a qualidade dos textos. E por permitir que a criança represente ações e papéis que não são seus, favorece a constituição de sua subjetividade.

**Roda de Conversa;** a conversa é uma forma de convívio social e consequente produção de conhecimento, além de ser importante como momento de avaliação da sua prática educativa, proporciona maior coesão da turma.

Enfim, o trabalho com a literatura enquanto instrumento de produção de conhecimento é riquíssimo, assim como o próprio mundo literário o é; por isso torna imprescindível que o Professor se valha deste instrumento em seu trabalho, pois como afirma Zilberman (2005, p. 28).

A atividade com a literatura infantil – e, por extensão, com todo tipo de obra de arte ficcional – desemboca num exercício de hermenêutica [...]. A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado da relação que estabelece com seu leitor,

convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino.

Percebe-se que a leitura é um dos principais mecanismos de aprendizagem na vida escolar de qualquer indivíduo desde zero a qualquer idade, o que cabe é organizar uma ação pedagógica eficiente, o momento e a hora certa devem ser bem direcionados definindo para quem ler ou contar uma história.

Seguindo essa mesma trilha pode-se dizer então que, a leitura é a mais rica das experiências humanas, seu valor é pessoal e intransferível, enfocando a fantasia, as aventuras os sonhos as realidades atuais, cabendo ao professor fazer o papel de leitor proporcionando várias alternativas. É necessário que o aluno construa suas próprias estratégias que trilhe seu próprio caminho no que diz respeito à aquisição da leitura.

## 1.6 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Graças a estudos vinculados à área da Psicologia e da Linguística, a partir dos anos 80, a concepção de alfabetização começa a mudar significativamente. Entende-se agora que alfabetizar não se reduz meramente ao domínio das “primeiras letras”. Ela envolve, isto sim, o conhecimento da língua escrita nas situações em que esta é necessária, supondo, além disso, a leitura e a produção textual. Neste contexto surge a palavra “letramento”, que serve para designar o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades necessários para usar a língua em diversas práticas sociais (BATISTA, 2006).

Assim, na medida em que se permite que o sujeito faça a interpretação, divirta-se, sistematize-se, se informe, faça reivindicações, entre outras coisas, o efetivo uso da escrita assegura-lhe que o sujeito se relacione com o mundo de forma diferenciada, pois não basta somente ter domínio do código. É justamente, neste contexto que segundo Soares (2003), aprender a ler e escrever implica não apenas ter conhecimentos das letras ou a sua codificação, mas, e, sobretudo é preciso utilizar esse conhecimento em *prol* de formas de expressão e comunicação distinguidas e imperativas a uma determinada conjuntura cultural.

Assim em uma atividade pedagógica de maior significado ao trabalho dos educadores, quer seja nos anos iniciais ou no ensino médio, utilizando uma escrita

concreta envolvendo as distintas atividades pedagógicas, de tal sorte que ao utilizar a escrita em sala, tenha a ver com as formas pelas quais ela é utilizada realmente nas práticas sociais. Seguindo esse raciocínio, Leite (2001, p. 25), assim se pronuncia: “Nesta perspectiva, assume-se que o ponto de partida e de chegada do processo de alfabetização escolar é o texto: trecho falado ou escrito, caracterizado pela unidade de sentido que se estabelece numa determinada situação discursiva”.

Neste sentido, ao levar em consideração os princípios do alfabetizar letrando, deve-se reconhecer que o processo de aquisição da língua escrita encontra-se profundamente interligado a uma nova condição cognitiva e cultural. Como bem coloca Tfouni (2010, p. 20): “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócios históricos da aquisição de uma sociedade”.

Alfabetização e letramento são dois processos distintos, mas que devem acontecer simultaneamente no aprendizado do aluno. Como bem afirmam Gouveia e Orensztejn (2006) isso significa dizer que:

é preciso planejar o trabalho pedagógico de alfabetização, articulando as atividades de uso da linguagem com as atividades de reflexão sobre a escrita. Isso significa dizer que a alfabetização, tomada como a aprendizagem inicial da leitura e escrita não pode se dar fora de contextos de letramento que potencializem o domínio da linguagem (GOUVEIA; ORENSZTEJN, 2006, p.35)

Essa breve análise acerca do letramento, conforme Colello (2012), direciona para a necessidade de aproximar, no campo da educação, teoria e prática. Em que as concepções, implicações pedagógicas, reconfiguração de metas e quadros de referência, tenha a possibilidade de encontrar subsídios e alternativas para a modificação da sociedade leitora no Brasil, uma realidade no âmbito político inaceitável e, na esfera pedagógica, muito aquém do ideal.

## 2 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA BRASILEIRA

O início da escrita nas vidas das pessoas inicia-se exatamente com a instauração do processo: são conhecimentos que viajantes e missionários europeus obtiveram sobre a natureza e o povo brasileiro. Enquanto essas informações não pertencem ao conjunto literário, mas a legítima crônica da história. Entretanto, a pré-história da escrita interessa como espelho da visão do mundo e da linguagem que deixaram os primeiros observantes do país.

E por meio dessas informações diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais que nasceram e deteve-se as condições primitivas de uma cultura que só depois de algum tempo poderia contar com o acontecimento da palavra-arte. A este respeito Bosi destaca que:

Os primeiros escritos da nossa vida documentam precisamente a instauração do processo: são informações que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro. Enquanto informação não pertence à categoria do literário, mas a pura crônica histórica e, por isso, há quem as omita por escrúpulo estético (Jose Veríssimo, por exemplo, na sua história da literatura brasileira). No entanto, a pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. E graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte (BOSI, 2006, p. 13).

A carta de Caminha a D. Manuel anunciando a terra descoberta teve um grande significado, pois passou a ser a certidão de nascimento para a história do Brasil e se introduziu em um gênero abundantemente representado no século XV em Portugal e Espanha, e torna-se a primeira leitura, tão importante que o transformam em um documento histórico e de grande importância para a literatura Brasileira.

O que para a nossa história significou uma autentica certidão de nascimento, a carta de caminha a D. Manuel, dando noticia da terra achada, insere-se em um gênero copiosamente representado durante o século XV em Portugal e Espanha: a literatura de viagens. Espírito observador, ingenuidade (no sentido de um realismo sem pregas) e uma transparente ideologia mercantilista batizada pelo zelo missionário de uma cristandade ainda medieval: eis os caracteres que saltam a primeira leitura da carta e dão sua medida como documento histórico (BOSI, 2006, p14).

Nos últimos tempos do século passado, a literatura brasileira estava mais consistente e firmada do que ficara no início do mesmo século XIX, ao momento da independência atual e do romantismo. Ainda que predominante o aporte literário português, Carvalho (1922) *apud* Botelho<sup>1</sup> (2011) ressalta-se:

A influência portuguesa, predominante até os fins do século XVIII, entrou, no século XIX, em franco declínio e, hoje, não existe mais senão como apagado vestígio, repontando, de raro em raro, nalguns escritores quase sem relevo. O idioma falado por nós já apresenta singularidades notáveis; nossa prosódia tem acentos mais delicados que a lusitana, e há na sintaxe popular muitas particularidades interessantes. Temos, também, um extenso vocabulário essencialmente brasileiro, cuja importância não se faz mister encarecer (CARVALHO, 1922, *apud* BOTELHO, 2011, p. 139).

Como recomenda Antônio Candido à finalidade da literatura, no final do século XVIII, diversos fatores tornaram viável a forma de uma literatura brasileira, no sentido de que os autores e obras já andavam nas mais escassas aglomerações.

Nas últimas décadas do século passado, a literatura brasileira estava mais encorpada e consolidada do que estivera no início do mesmo século XIX, ao tempo da independência recente e dos românticos. Como sugere Antonio Candido a propósito da literatura não infantil, a partir do final de século XVIII, vários fatores viabilizaram a configuração de uma literatura brasileira, no sentido de que os autores e obras já circulavam nas ainda precárias aglomerações que, em nome do ouro e da administração colonial, ocorreram em Minas Gerais e no Rio de Janeiro (ZILBERMAN; LAJOLO, 1999, p. 26).

O suporte editorial era muito difícil até a vinda de D. João VI e as obras literárias eram escassas, não existiam depois de muito tempo muitas conquistas foram alcançadas e o livro passou a ser de fácil acesso. Na segunda metade do século XIX, os brasileiros já tinham se habituado a ler os textos de autores consagrados, e povo começou a ser assinante dos jornais e ali os autores compartilhavam suas ideias com o público brasileiro.

Até a chegada de D. João VI, em 1808, o suporte editorial e até mesmo tipográfico necessário para o assentamento de um sistema literário era, mais do que precário, inexistente. Decorre muito tempo, até que tipografias, editoras, bibliotecas e livrarias tornem o livro um

---

<sup>1</sup> André Botelho é professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS/UFRJ, e pesquisador do CNPq e da Faperj. É autor, entre outros, de "O Brasil e os dias (Edusc, 2005)" e co-organizador de Um enigma chamado Brasil (Companhia das Letras, 2009).



objeto não tão raro, ao menos nos centros urbanos mais importantes. Por volta da segunda metade do século XIX, a leitura de textos e autores brasileiros já constituía um hábito até certo ponto arraigado entre os privilegiados assinantes dos jornais, onde os escritores mais famosos colaboraram com crônicas e poemas, folhetins de romance e crítica literária. Figuras como Machado de Assis e Olavo Bilac, consagradas nas rodas mundanas e intelectuais, faziam da vida literária um ponto de referência para a vida cultural daqueles anos (ZILBERMAN; LAJOLO, 1999, p. 26).

Pode-se dizer que foi a partir de então que houve a valorização da língua portuguesa falada no Brasil e sua transposição para a escrita, ou, em outras palavras, a aproximação da língua escrita à falada, constituindo o cerne do modernismo. Neste sentido, a língua portuguesa falada foi adaptada e teve sua recriação no cotidiano brasileiro. Essa interligação patrocinada, sobretudo pelo grande poeta e dramaturgo Mario de Andrade que está tornou-se uma das maiores conquistas do modernismo, perdurando até os dias atuais.

## 2.1 LITERATURA INFANTIL

De acordo com Coelho (1991), as obras publicadas dirigidas à classe infantil tiveram início na primeira metade do século XVIII e surgiram no comércio livreiro. A partir do século XVII veio à escrita da literatura infantil, com várias histórias, contos e fábulas que causou uma grande mudança na infância das crianças, teve vários autores como Charles Perrault e o La Fontaine que contribuíram grandemente para essa literatura ser tão bem vista ao público infantil.

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694. As aventuras de *Leménaco*, de *Fenelon*, lançadas postumamente em 1717, e os contos da mãe gansa, cujo título original era histórias ou narrativas do tempo passada com moralidades, que Charles Perrault publicou em 1697 (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006, p. 15).

Perrault não tem só a responsabilidade causar um grande impacto com a literatura infantil, mas também de aguçar a imaginação das crianças por meio dos seus contos de fadas, que provoca uma sensação muito boa, a criança vive um

mundo de faz de conta onde tudo pode acontecer, pois o principal objetivo da literatura infantil é ajudar as crianças na leitura e escrita e também que elas possam aflorar sua imaginação.

Perrault não é responsável apenas pelo primeiro surto de literatura infantil, cujo impulso inicial determina, retroativamente, a incorporação dos textos citados de La Fontaine e Fenelon. Seu livro provoca também uma inaudita pelo conto de fadas, liberalizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral adotada doravante como principal leitura infantil (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006, p. 16).

Com o crescimento da sociedade por intermédio da industrialização a busca de livros começa a se expandir e com isso a produção começa a ampliar e ganhar espaço, a tipografia se aperfeiçoa e assim ajudando no desenvolvimento e expansão dos gêneros literários. A literatura infantil trabalha a língua escrita e ela precisa que as crianças tenham contato com os livros desde sempre e com a escola.

Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria. No século XVIII, aperfeiçoa-se a tipografia e expande-se a produção de livros, facultando a proliferação dos gêneros literários que, com ela, se adequam a situação recente. Por outro lado, porque a literatura infantil trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem estas passado pelo crivo da escola (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006, p. 18).

As autoras supramencionadas fazem menção à segunda metade do século XIX, e destacam a Literatura Infantil como uma parcela considerável da produção literária da burguesia capitalista, oferecendo um novo perfil que assegurou que esta tivesse uma continuação atrativa através dos tempos.

### **2.1.1 Literatura infantil no Brasil**

Conforme evidenciado a Literatura Infantil na Europa se propagou no final do século XVII, a partir do momento que Charles Perrault em 1697, publicou seu livro "*Contos da Mamãe Gansa*", a Literatura Infantil brasileira surgiu algum tempo depois, ou seja, apenas no final do século XIX, quando se inicia algumas obras destinadas para crianças.

Lajolo e Zilberman (2010) evidenciam que, somente com a implantação da Imprensa Régia em 1808, a atividade editorial de fato inicia-se no Brasil e os primeiros livros dedicados às crianças são publicados. Contudo, essas publicações eram tímidas, sendo impossível ainda caracterizar produção literária ao público infante juvenil.

Carvalho (1985) comunga com este pensamento e, traz o seguinte entendimento acerca da literatura infantil brasileira.

Em 1811 foi instalada a primeira tipografia na Bahia, sendo possível a circulação de jornais; em 1831, em Salvador, surge o primeiro jornal infante-juvenil: “O Adolescente”. Assim, vai aparecendo em outros Estados como o Rio de Janeiro (1835), Maranhão (1845) e em São Paulo (1860), jornais dedicados à infância e juventude. É curioso observar-se, em todo o País, a importância atribuída à Imprensa infante e juvenil, durante o período que antecede a Literatura específica da criança. Isso confirma o valor do jornal para os pequenos leitores, despertando-lhes o interesse pela informação, pela cultura, pelos acontecimentos que lhes dizem respeito, e até despertando vocações (CARVALHO, 1985, p. 126).

A Literatura Infantil Brasileira é precedida por meio de gama de atividade de jornais e traduções, sendo admitida por Carvalho (1985), como sendo esta a primeira manifestação e/ou fase da Literatura Infantil.

Coelho (2010), relata que na transição do século XIX e início do século XX, o setor urbano no país cresceu espantosamente, isso fez com que se instalassem um grande número de bancos, casas de exportação, ferrovias, portos e automaticamente cresce o número do funcionalismo público.

A partir de então houve um grande fluxo de consumismo do povo brasileiro em adquirir bens culturais, foi um salto para literatura infante e a assim um novo padrão social se impõem. E junto com isso começa um grande movimento em *prol* da alfabetização e o Brasil buscando tornar a literatura infante nacional.

Além de o modelo econômico deste Brasil republicano favorecer o aparecimento de um contingente urbano virtualmente consumidor de bens culturais, e preciso não esquecer a grande importância para a literatura infante que o saber passa a deter no novo modelo social que começa a se impor. Assim, também as campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola davam retaguarda e prestígio aos esforços de dotar o Brasil de uma literatura infante nacional (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006, p. 28).

Com a falta de materiais de literatura e de livros infantis a população brasileira percebe como isso faz falta e fica em evidência a importância que literatura tem para o desenvolvimento, e formação das crianças como ela mexe com o intelecto e o cognitivo da criança, e com isso mostra que ler ajuda grandemente na formação das mesmas.

“Em 1894, pela Editora Quaresma, foi publicado o primeiro livro destinado às crianças. Escrito por Alberto Figueiredo Pimentel, Contos da Carochinha reúne 40 contos populares que foram traduzidos e adaptados para o Brasil” (CARVALHO, 1985, p. 128).

Destarte, como Carvalho, Lajolo e Zilberman realçam a importância das adaptações do autor acima mencionado escritas em 1894, tem-se a inauguração a coleção Biblioteca Infantil Quaresma. Em 1915, a Editora Melhoramentos, introduz a sua Biblioteca Infantil com a direção de Arnaldo de Oliveira Barreto, publicando como primeiro volume da coleção, O patinho feio, de Andersen (GIOLLO, 2012).

Todavia, conforme preceitua Cunha (2003), em seu livro *“Literatura Infantil – Teoria e Prática”*, afirma que:

Com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. No Sítio do Pica-pau Amarelo vivem Dona Benta e Tia Nastácia, as personagens adultas que “orientam” crianças (Pedrinho e Narizinho), “outras criaturas” (Emília e Visconde de Sabugosa) e animais como Quindim e Rabicó (CUNHA, 2006, p. 24).

Monteiro Lobato, sem dúvida foi o que mais se destacou na literatura infantil, entre todos os autores da época, até hoje ele é o exemplo e modelo estético para a literatura infantil, importante dizer que ele não escreveu somente para as crianças, mas inventou um mundo inteiro para elas, criando histórias, personagens e fantasia. Zilberman e Magalhães (1987), traduzem bem a importância desse ícone da literatura infantil Brasileira, pois afirmam que ele não é apenas um marco na Literatura Infantil brasileira, mas sim, sua referência máxima.

## 2.2 ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil é muito importante para o desenvolvimento da criança, pois por meio da literatura a criança percorre para outros ambientes sem sair do seu espaço, ela desperta o lúdico na criança, e faz voar para bem longe da sua realidade, que na maior parte das ocasiões não é tão colorido e divertido como nos contos de fada.

Entretanto esse recurso maravilhoso não tem sido valorizado, ou estimulado, pois é muito grande o desinteresse por parte dos educandos pela leitura, diversas razões são apontadas entre elas estão, a descuido familiar, ausência de importância, omissão de tempo, dentre diversas justificativas afirmadas, e entre o televisor, internet, e música, as obras literárias está em ultimo lugar na prioridade dos alunos, comprometendo assim a formação de leitores.

Aguiar (2001), ao discorrer acerca esse assunto, assim se manifesta:

No que se refere aos leitores em potencial do futuro, ou seja, crianças e adolescentes, dentro do contexto brasileiro, as perspectivas não são muito tranquilizadoras. Sabe-se que, cada vez mais, eles demonstram desinteresse pelas atividades de leitura, fator muitas vezes associado à imposição feita nas escolas e à utilização de textos literários como pretexto para o ensino da gramática ou mesmo como instrumento moralizador (AGUIAR, 2001, p. 243)

Ressaltasse que muitas vezes o educador não se compromete em criar tempo para a leitura, pois o próprio não apresenta uma clara visão sobre o assunto, percebesse ainda que existe pouco investimento em livros nas escolas e bibliotecas, independente de ser pública ou particular, e isso torna as bibliotecas carentes e desestimuladoras.

Sem duvida o desinteresse dos alunos apresenta como um dos motivos a tal subordinação. Compete a muitos em falar que hoje em dia se necessita ler menos que antes que as novas tecnologias dispensam a leitura, entende-se que também não chegou à ocasião, se é que chegará algum dia, nenhum formato de arte supre outra: cada uma contém as suas típicas características.

Suas probabilidades, referente ao ato do hábito de leitura no Brasil, somente poderá melhorar quando toda atitude do adulto referente ao livro e ao papel dele no ensino se transformar, isso seguramente ocasionará como consequência a

facilitação de acesso ao livro, e aprimoramentos e alternativas de leitura e de atividades em volta dela.

O trabalho com a literatura infantil nos mais diferentes graus de ensino, do fundamental à pós graduação, tem nos mostrado as dificuldades que todos os interessados no assunto enfrentam: escassa bibliografia relativa à teoria da literatura infantil, difícil acesso ao texto infantil, poucas experiências de apoio para um trabalho prático e eficiente com a literatura para crianças e jovens (CUNHA, 2006, p. 3).

Pode-se dizer que o mundo da literatura infantil é mágico. As palavras possuem a capacidade de envolver e de conduzir o leitor para um lugar não apenas imaginário, mas também real. Trabalhar com a literatura infantil é, deste modo, abrir, as portas do mundo a seres que buscam a formação humana e cultural como usuários de uma sociedade. Os livros, neste contexto podem se tornar companheiros imprescindíveis e insubstituíveis que a criança pode levar para qualquer lugar. A criança deve poder desfrutar do capital cultural embutido no universo dos livros. Entretanto, cabe ao adulto promover o acesso a este universo.

### 2.3 A LITERATURA INFANTIL COMO FACILITADORA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

O ato de ler e interpretar, não se traduz em um processo fácil, ou seja, na verdade é bastante amplo e completo, pois se resume em um processo de compreensão, de ver o mundo sob a ótica de uma particularidade: a aptidão de interagir com outrem por meio das palavras, que, normalmente encontram-se submetidas dentro de um contexto.

Souza (1996) comunga com este pensamento ao afirmar que:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (SOUZA, 1996, p. 22).

Logo, o professor deve usar a leitura como um momento de diálogo onde todos participam e não apenas o professor dá ordens, e amedronta a criança. Para

Martins (1997) deve-se preocupar com o benefício advindo com a interpretação dos textos, pois um professor entusiasmado consegue mais resultados positivos do que aquele que tenta impor sua opinião intimidando a criança, agindo assim o ensino aprendizagem não terá êxito algum.

Segundo Soares (1989) o uso da literatura infantil é fundamental como forma de chamar a atenção do aluno, e deixa-lo entusiasmado, dando liberdade a sua imaginação, e buscando sempre dialogar, pacificamente, esclarecendo dúvidas e compreendendo que o aprendizado passa por várias etapas, e que ensinar é um dom e o aprender é um processo peculiar de cada um, por isso é preciso muita dedicação e paciência por parte do educador.

Neste raciocínio, segundo cunha (2006), a literatura se faz um importante instrumento de transformação, pois amplia a reflexão, e expande um conhecimento muito maior em relação às pessoas que não leem, ou não se interessam pela leitura. A escola neste contexto, é um elo entre o aluno e o livro, cabe ao educador buscar estratégias para chamar a sua atenção trabalhando a leitura de forma produtiva, o educador através da literatura consegue transmitir diversos conflitos e soluções, de uma forma lúdica e inovadora, pois a literatura abrange os problemas vivenciados pela sociedade.

Um exemplo disso, metaforicamente falando, se mostra na história do patinho feio ela relata sobre um cisne que era discriminado, pois convivia nos meio dos patos, e tinha características diferentes de onde vivia, essa história relata o *bullying*, muito comum nas escolas, e muito drástico os efeitos causados por ele, portanto cabe ao professor trabalhar a literatura de modo educativo e socializado, desenvolvendo alunos formadores de opinião e não uma geração de tartarugas que aceita tudo passivamente sem contestar. Cunha (2006), seguindo esta mesma trilha aduz:

De um modo geral, a literatura amplia e enriquece a nossa visão da realidade de um modo específico, permite ao leitor a vivência intensa e ao mesmo tempo a contemplação crítica das condições e possibilidades de existência humana, a literatura é o lugar privilegiado em que a experiência vivida e a contemplação crítica coincidem num conhecimento singular, cujo critério não é exatamente a verdade e sim a validade de uma interpretação profunda da realidade tornada em experiência (CUNHA, 2006, p. 57).

Conforme evidenciado, é possível perceber a importância dos livros literários na vida das pessoas, porém devido à falta de incentivos, não raro, começando nas escolas e se estendendo aos pais, os livros estão na maioria das vezes em segundo ou terceiro plano em grau de importância, em que as preferências estão nos brinquedos de uma forma geral, televisão e outros aparatos tecnológicos tornando as crianças a não ter entusiasmo algum pelos livros e histórias infantis.

Essa suposição de que a criança não se interessa pelo livro é apenas o reflexo do próprio desinteresse do aluno por tal objeto, a ideia de que a leitura vai fazer um bem a criança ou ao jovem, leva-nos a obrigá-los a ler como lhes impomos uma colher de remédio, a injeção, a escova de dente, e a escola (CUNHA, 2006, p. 51).

Logo, o professor deve apresentar aos alunos diversas obras, pois assim o aluno encontrara o tipo de história que mais lhe agrada, despertando no aluno diversas visões sobre as obras literárias, sempre questionando o que cada obra literária busca transmitir.

Não restam dúvidas que a literatura infantil contribuem sobremaneira para tornar a criança mais suscetível ao aprendizado, Mesquita (2006), assim se pronuncia:

Nesta perspectiva, a precoce imersão da criança no mundo dos livros e o convívio assíduo com a sua realidade são formas de despertar a curiosidade e o interesse pela leitura. Se, desde cedo, a criança estiver rodeada de livros e neles encontrar um objeto do seu afeto, rapidamente descobrirá que a leitura se pode revelar como uma das atividades mais excitantes da sua vida, porque possibilita a emancipação da criança e a assimilação dos valores sociais (MESQUITA, 2006, p. 18).

Portanto cabe ao professor ensinar o aluno a ler e interpretar o que esta lendo, sempre olhando os personagens como seres humanos que são protagonistas da história. Formando leitores críticos, e pensadores. A literatura infantil é uma transmissão de cultura, que tem uma missão formadora, a fim de preparar o aluno para viver em sociedade.

Ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer, o ouvir de novo, e mesmo as crianças maiores que já



sabem ler também podem sentir grande prazer no ouvir (ABRAMOVICH, 2010, p. 23).

A história para as crianças pequenas com a faixa etária de três e quatro anos deve ser ilustrativa, de preferência textos pequenos, para que consiga observar as figuras e assimilar de acordo com a sua imaginação, os livros dessa fase costumam ser bem coloridos, e com personagens que parecem reais, para os alunos maiores, que estão no processo de alfabetização, prevalece a ilustração, porém as letras devem ser grandes com histórias pequenas, conforme a criança avança na leitura, diminui-se a necessidade de ilustração, pois a criança consegue interpretar sem o auxílio de desenhos.

O professor deve usar estratégias para que esse aluno, nessa fase não perca o interesse pela leitura substituindo por outras coisas, como as redes sociais, jogos televisão, entre outros, é preciso buscar novas metodologias, mostrar para o aluno que assim como as redes sociais é interessante, o livro também pode ser na vida desse aluno. "Explicar para uma criança porque um conto de fada é tão cativante para ela destrói acima de tudo o encantamento da história que depende consideravelmente da criança não saber absolutamente porque está maravilhada" (ABRAMOVICH, 2010, p. 122).

Antunes (2002) afirma que a literatura infantil atua diretamente na emoção da criança, despertando amor, medo, curiosidade, é um meio de diálogo entre aluno e professor, é nesse momento que a criança relata fatos de sua vida, se identifica com as histórias e personagens, portanto cabe ao educador buscar estratégias de trabalhar alfabetização emocional, uma delas é a leitura, pois assim o educador irá despertar na criança as sensações transmitidas pelos personagens, e pelas narrações, buscando sempre expor os conflitos do cotidiano, como as separações afetivas, as dificuldades na aprendizagem, entre outros obstáculos enfrentados pela criança.

Uma visão da natureza que ignora o poder das emoções é lamentavelmente míope, o próprio nome homo sapiens, a espécie pensante, é enganosa a luz da nova apreciação e opinião no lugar das emoções em nossas vidas, que nos oferece hoje a ciência como todos sabemos por experiência, quando se trata de modelar nossas decisões, o sentimento conta exatamente o mesmo e muitas vezes mais que o pensamento para o melhor e para o pior, a inteligência não dá em nada quando as emoções dominam (ANTUNES, 2002, p. 23).

Segundo Perrisé (2004), um educador que não consegue olhar as dificuldades que seus alunos enfrentam, que simplesmente quer impor o seu ponto de vista considerando a criança um ser incapaz de raciocinar com a própria cabeça, provavelmente será um profissional fracassado, pois se o emocional da criança não está bem não tem possibilidades de haver aprendizagem, é preciso descobrir o motivo que levou essa criança a se isolar, a perder o interesse pela aprendizagem. E por outro lado se o educador não está bem emocionalmente é impossível que consiga proporcionar algo produtivo para seus alunos, pois o nosso emocional controla o nosso comportamento, por isso é extremamente importante ensinar as crianças que não existe dificuldade que não possa ser superada.

#### 2.4 A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A SUA IMPORTÂNCIA

Não se pode negar que o livro constitui uma das fontes mais ricas de aprendizagem, pois abre infinitas possibilidades para a criança compreender por meio da fantasia e da imaginação o que acontece a sua volta. Por conseguinte, necessário se faz proporcioná-la oportunidades de leitura de maneira convidativa e prazerosa. A literatura entre outras coisas desperta o interesse e a atenção da criança, desenvolvendo, a criatividade, a percepção de distintas decisões de problemas, autonomia e criticidade, que são subsídios importantes para a formação pessoal e social do ser humano.

Não obstante, é fato que no Brasil ainda há poucas crianças que têm o hábito de ler ou tem acesso a obras literárias. A grande maioria somente entra em contato com a literatura quando chega à escola. E não raro acaba virando obrigação, tendo em vista que a literatura infantil é pouco difundida nas escolas, quer por falta de acervo ou pelo desconhecimento de mecanismos que contribuam para a contação de histórias e, por conseguinte produzam conhecimentos (BASSO, 2011).

Logo, de acordo com Basso (2011), a criança que já nos primeiros anos de vida tem contato com obras literárias, conseqüentemente, terá a oportunidade de ampliar seu potencial de criação e desenvolver os horizontes da cultura e do conhecimento, entendendo melhor o mundo e a realidade que faz parte do seu

cotidiano. Por isso que os contos de fada nesta fase são importantes, como bem destaca Bettelheim (1996),

[...] o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 1996, p. 20).

Percebe-se, pois que os benefícios da literatura são incomensuráveis e, na compreensão de Aguiar e Bordini (1993), podem ser assim explicitadas:

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada [...] (AGUIAR, BORDINI, 1993, p. 14).

Verifica-se que a interação passa necessariamente pela linguagem, pois através da mesma de certa forma se obtém o conhecimento. Bamberger (2002), no que se refere à linguagem diz também:

Se conseguirmos fazer com que a criança tenha sistematicamente uma experiência positiva com a linguagem, antes que as histórias em quadrinhos, as revistas ilustradas e a torrente de imagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa tomem conta dela, estaremos promovendo o seu desenvolvimento como ser humano. A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo (BAMBERGER, 2002, p. 11).

Neste sentido, pode-se dizer que, as experiências felizes com a literatura infantil em sala de aula são aquelas em que a criança interage com os diferentes textos trabalhados de tal forma que permita a compreensão do mundo em que vivem e que possam construir, paulatinamente, seu próprio conhecimento. Logo, o educador necessita desenvolver recursos pedagógicos adequados de intensificar a relação da criança com o livro e com seus pares. Conforme aduz Bettelheim (1996):

[...] para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam [...] (BETHELLHEIM, 1996, p. 13).

Portanto, o professor ao trazer a literatura infantil para a sala de aula, estabelecendo uma relação dialética com o aluno, a sua cultura e a própria realidade. No ato de contar ou ler a história, ele cria possibilidades para que a criança trabalhe com a história a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões acerca da mesma, assumindo atitudes frente à narração dos fatos, criando novas situações em que as próprias crianças vão edificando uma nova história. Assim, conforme Abramovich (2010),

[...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar. [...], pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 2010, p. 17).

Destarte, a conquista do pequeno leitor acontece por meio da relação prazerosa com o livro infantil, em que o sonho, fantasia e imaginação se misturam em uma realidade única, levando-o a vivenciar as emoções conjuntamente com os personagens da história, introduzindo assim situações da realidade.

Assim, a literatura infantil é, “antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenómeno de criatividade que representa o mundo, o Homem e a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real” (COELHO, 2010, p. 88).

Sendo assim, deve-se vislumbrar a literatura infantil como uma interligação entre dois mundos, o real e o fantástico, nos quais a criança vai desmitificando e experimentando emoções, das quais nem sempre podem ser inteiramente vivenciadas na realidade. Sob este prisma, a literatura infantil possibilita uma

intensidade de descobertas, quer seja relacionado ao mundo objetivo, quer do mundo subjetivo.

#### **2.4.1 A literatura infantil na escola**

No Brasil, em linhas gerais a literatura infantil inicia com a obra de Monteiro Lobato e por muito tempo viveu à sombra de seu nome. Sob a ótica de Cademartori (2006), “o sentido da obra de Lobato se torna mais evidente quando sua produção literária é contraposta às características da vida cultural brasileira até determinado momento de nossa história”. (CADEMARTORI, 2006, p. 43).

Assim, ao trazer a literatura infantil para a sala de aula, através de um contorno vivo e envolvente, é tremendamente importante para que se forme um jovem leitor. Todavia, é preciso se ater qual o tipo de texto deve ser oferecido às crianças e, de que forma selecionar textos que tenham importância e qualidade ao trabalho do dia a dia.

Bamberger (2002) no que se refere aos textos para crianças afirma que é preciso conter gravuras, como bem destaca o texto abaixo:

A criança entra em contato com a linguagem das gravuras antes da linguagem das letras. Uma vez que ela já aprendeu a entender o significado das figuras, é necessário que o material de leitura inicial as contenha em grande número. As ilustrações exercem uma atração redobrada sobre os principiantes e os maus leitores: elas ornamentam o texto, estipulam o interesse e dividem o livro de modo que a criança possa virar as páginas com frequência e ter a impressão de estar lendo depressa. As gravuras ajudam a tornar o texto compreensível (BAMBERGER, 2002, p. 50).

Neste contexto, é que emerge a literatura infantil como grande formadora e transformadora da leitura que deve ser praticada nas escolas. Para Cademartori (2006, grifo do autor), a forma em que se forma a literatura infantil tem em si.

O caráter formador da literatura infantil vinculou-a, desde sua origem, a objetivos pedagógicos. Isto cria, segundo a autora, uma tensão entre o saber sobre o mundo da literatura (que diz “o mundo é assim”) e o ideal da Pedagogia (que diz “o mundo deveria ser assim”) (CADEMARTORI, 2006, p. 23, grifo do autor).

Neste sentido, é que a obra infantil tem sua grandeza artística a

segurada, na medida em que rompe com o pedagógico, ou seja, com o ponto de vista do adulto e, por meio de um exercício de qualidade com a linguagem, leva o leitor a uma larga compreensão da existência (ZILBERMAN, 2006).

Logo, é importante que as crianças aprendam a ter a leitura também como instrumento de prazer, como ferramenta lúdica que lhes permita explorar outros mundos reais ou imaginários, aproximando-se de outras pessoas e de outras ideias. Por conseguinte, Mesquita (2006) evidencia que:

A criança deve dispor de diversidade de textos que lhe possam proporcionar habilidades e competências necessárias à alfabetização. O convívio com a leitura abre novas perspectivas à criança, permitindo-lhe melhor conhecimento da realidade envolvente, desenvolvendo-lhe a reflexão e o espírito crítico e, ao mesmo tempo, estimulando o crescimento interior (MESQUITA, 2006, p. 22).

Assim, em todos os níveis da escolaridade deve haver tempo e espaço programados para a leitura gratuita, para ler para si mesmo, sem outra finalidade, senão a de sentir como é bom entregar-se à leitura. Fomentar este prazer individual não é uma prática independente de ensinar a ler.

### 3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, optou-se por um método que se adapta melhor a realidade do tema proposto contendo elementos que permitiram entender melhor o papel da escola a respeito do uso da literatura infantil como recurso da aprendizagem. Assim, ela foi concebida por dois enfoques:

#### 3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa se desenvolveu por meio de levantamento bibliográfico, que conforme leciona Prestes (2005), neste tipo de pesquisa aborda-se obras anteriores com o tema proposto evidenciado antes por outros estudiosos, bem como, destaca a importância do conhecimento alocado em: livros, videotecas, periódicos, revistas científicas, internet entre outras informações acerca do tema investigado, bem como assuntos afins resultantes de pesquisa científica.

Aplicou-se a técnica da leitura crítica – interpretativa de acordo com os ensinamentos de Severino (2002), pois esta é uma forma de organizar os referenciais teóricos pertinentes, sendo de fundamental importância na pesquisa realizada; organizada através de esquemas das proposições centrais dos textos o que conferiu maior clareza sobre o fenômeno pesquisado e sustentou a pesquisa, oferecendo qualidade ao produto final. Ao término da leitura o leitor terá adquirido a compreensão necessária para consecução do trabalho podendo dissertar sobre o tema investigado.

#### 3.2 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi construída em uma escola pública da rede municipal de ensino escolhida aleatoriamente, mas que tem em sua estrutura a educação inicial. O grupo observado foi constituído por professores atuantes na alfabetização. Neste sentido, este estudo foi organizado de forma sistemática, através da catalogação dos dados adquiridos durante a pesquisa.

A coleta de dados se deu no decorrer dos meses setembro, outubro e novembro de 2015, a fim de preservar a identidade dos profissionais que gentilmente responderam ao questionário, os professores doravante foram

denominados com nomes fictícios e qualquer semelhança com nomes reais é mera coincidência.

Foram pesquisadas nove professoras alfabetizadoras, distribuídos da seguinte forma: três professoras do 1º ano, três do 2º e três do 3º ano A, B e C, primeiro reuniu-se com as professoras durante o intervalo e as apresentou o questionário, explicou os objetivos da pesquisa e esclareceu que a participação seria voluntária, e que suas identidades seriam preservadas, tanto que na folha de respostas não havia nenhum campo para identificação do entrevistado, depois foi deixado o questionário com aquelas que se dispusera a respondê-lo ficando agendado o retorno para buscá-los devidamente respondido. Os procedimentos para coletar as informações compreenderam:

a) Coletas de dados através da aplicação de questionário semiestruturado com nove professoras da alfabetização, conversas informais e observações *in loco*, captando informações que foram úteis para as avaliações implantadas na condução lógica da resolução dos problemas. No tocante às observações em sala de aula à pesquisadora permaneceu dentro da sala pelo menos dois ou três dias por semana, período em que participava das aulas de leitura, observava o comportamento das crianças e das professoras, as observações foram feitas em nove salas da alfabetização.

b) As técnicas foram de cunho qualitativo de acordo com a realidade encontrada no meio social englobado. Utilizou-se uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa que permitiu um entendimento mais apurado do objeto pesquisado.

### 3.3 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

As descrições da escola em questão, foram obtidas por meio da leitura constante em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), disponibilizado pela direção da escola, conforme já anunciado não faz menção ao nome da escola, pois não houve autorização expressa à sua divulgação.

#### 3.3.1 Breve Histórico da Escola

A Escola foi criada em 1980. Em julho do mesmo ano teve início as atividades



escolares com apenas quatro salas de aula, gerando oito turmas, funcionando nos períodos matutino e vespertino. No ano seguinte foi construída mais uma ala com quatro salas, totalizando então oito salas com dezesseis turmas na faixa etária de 04 a 06 anos. O chapelão de palha, um Projeto típico da região, servia como refeitório e local de lazer. Atrás do pavilhão foi construído o parque infantil com uma área extensa para atender recreação, jogos e brincadeiras.

A escola foi de fato inaugurada em 1981 pelo Sr. Governador Jorge Teixeira. Na ocasião a Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEMEC) cedeu à escola um micro ônibus, além de materiais permanentes como mesas, cadeiras e armários, entre outros. Após esse evento ela se tornou um modelo de escola do estado de Rondônia, sendo capa da lista telefônica por dois anos consecutivos.

Quanto ao trabalho pedagógico, a metodologia de ensino era considerada excelente, havendo capacitação dos professores duas vezes ao ano e acompanhamento integral da Supervisão, Orientação Educacional e Psicólogos. O material didático era de boa qualidade e os recursos didáticos eram confeccionados na própria escola pelos professores. Nesse período foram criados os cantinhos de leitura, bonecas, pintura e outras atividades diversificadas nas salas de aula; e como metodologia alternativa no chapelão havia brincadeiras, dramatizações, teatro, brincadeiras cantadas e atividades relacionadas a histórias da literatura infantil. No início a escola atendia uma clientela de 540 crianças.

Desde o seu funcionamento adotou-se a gestão democrática, embora numa perspectiva solitária e com características e exigências próprias; foi quando surgiu a Associação de pais e Professores (APP), a qual contribuía na manutenção do estabelecimento com promoções de eventos, que além de manter a escola em perfeitas condições, tinha o objetivo de integrar a comunidade escolar. Em virtude da união e profissionalismo da equipe, houve até a concessão de uma viagem a Manaus no dia dos Professores.

Em 1982, a Diretora Geni de Souza Panizzi é substituída pela Sr<sup>a</sup> Maria das Graças Meleip, que deu continuidade aos trabalhos já existentes e deu grande contribuição na qualidade do ensino; ela permaneceu no cargo de 1982 a 1984. No final desse período o estado de Rondônia, em atendimento regimental, cobra das escolas a realização, pela primeira vez, a eleição do diretor. Esse fato inédito (um grande acontecimento), veio ao encontro do que já praticava o grupo de professores da escola, o modo democrático de gestão e de exercício do poder, incluindo os

processos de planejamento, a tomada de decisões e a avaliação de resultados alcançados.

Segundo depoimentos de antigos funcionários, ocorreu muitas promoções envolvendo os alunos e a comunidade, tais como: almoços com churrasco, feijoadas, bailes, desfiles com a participação das mães para a escolha da mais simpática, partidas de futebol envolvendo os pais, valendo troféu para o time vencedor, apresentação de teatro com a participação dos pais, dramatização, músicas, festas juninas e gincanas.

Relatam ainda que, todos se dedicavam ao extremo e que essa gestão produziu efeitos positivos no sistema de ensino da época, inclusive promovendo reformas estruturais do prédio, compra de equipamentos, ou realização de eventos, mas acima dessas ações estava o comprometimento com a aprendizagem do aluno e o planejamento criterioso dos professores.

A Escola desenhou sua história no município de Ariquemes preparando muitas crianças; e muitos de seus ex-alunos alcançaram nível superior, contribuindo para o crescimento do município. A escola cresceu em todos os aspectos, e esse crescimento só aconteceu devido à participação incansável de todos os envolvidos na construção da Instituição.

Hoje a escola continua buscando desenvolver um trabalho voltado para a gestão democrática, priorizando a qualidade do ensino e aprendizagem, com o envolvimento de toda a comunidade escolar e local, tendo como prioridade o aluno e sua formação integral, para que se tornem cidadãos críticos, participativos e preparados para exercerem a cidadania num mundo em constantes transformações.

### 3.4 RELATOS DAS OBSERVAÇÕES

As observações foram feitas durante nove semanas. Consistiu de observações diárias da rotina da sala de aula, com o objetivo de compreender o modo como a escola e os professores abordam a literatura infantil na alfabetização. Para tanto os relatos foram descritos sinteticamente com maior ênfase às questões de leitura e o processo de aprendizagem abordando a literatura infantil (foco do estudo).

### 3.4.1 Observações nas salas de 1º ano

No primeiro dia de observação, a professora do 1º ano foi à biblioteca assim que tocou o sino; ao chegar lá, cada aluno escolheu um livro de tema livre, com a ajuda da bibliotecária, e sentou-se para ler; assim que terminassem podiam escolher outro livro para leitura até que findasse o horário de aula na biblioteca, que era de quarenta minutos. Alguns alunos se dispersam e acabam causando tumulto na biblioteca; ao terminar o horário a professora volta para a sala de aula e nela não faz nenhuma abordagem sobre o que as crianças leram. A investigadora pergunta se haverá ainda alguma aula envolvendo a literatura e a mesma responde que não.

Para que se obtivesse uma noção ampla (menos rasa e/ou fechada) sobre os modos de abordagem da leitura, foram observadas algumas aulas de outras disciplinas, uma vez que pode-se compreender a leitura como um gesto simbólico que permeia todo e qualquer ato languageiro<sup>2</sup> (ORLANDI, 1993). Leitura implica um gesto de interpretação entre outros. Em outras palavras, leitura demanda um espaço de interpretação que provem de uma posição de sujeito ideológica e historicamente determinada.

Na semana seguinte, a aula já começa com textos de leitura, os alunos estavam inquietos, pois estavam correndo e brincando e nada foi feito antes para que eles pudessem se acalmar, assim não deram muita atenção ao texto e a professora imediatamente interrompeu a leitura e passou para outra atividade, então questionou-se ela continuaria o texto e a mesma respondeu que não e ainda falou que quando os alunos não estão interessados nem adianta insistir, melhor deixar para outro dia, e assim mais um dia sem a aula de leitura.

As observações em outras salas do 1º ano já iniciaram na biblioteca, no início da aula a professora explicou para as crianças que cada um escolheria sua historinha preferida e a leitura deveria ser feita com muita atenção, pois após voltarem a sala eles contariam para os coleguinhas o que mais gostaram, a maioria das crianças ainda não sabiam ler, mas se atentavam as figuras e a professora também passava nas carteira ajudando eles, assim que acabou o horário da biblioteca, todos retornaram a sala, então após as crianças sentarem-se em seus lugares a professora começou a chamá-los para que eles dessem continuidade a

---

<sup>2</sup> Ou seja, a leitura está presente em todo lugar em que há um sujeito historicamente determinado e ideologicamente constituído.

atividade e contassem aos colegas a parte que mais gostou da história, a maioria das crianças participaram da atividade bastante entusiasmados. Em seguida foi à aula de outra disciplina onde a professora também usou a leitura para iniciar a aula.

No dia seguinte a professora resolveu fazer a aula de leitura no pátio, onde separou alguns grupos e entregou um livro de literatura infantil para cada grupo, em seguida pediu para que as crianças lessem com atenção ao fim da leitura de todos os grupos, a professora pediu para que as crianças encontrassem elementos que elas viram no texto e foi uma festa só imediatamente trouxeram muitas folhas, pedras entre outras coisas.

No último dia de observação nas salas de 1º ano a professora trabalhou reconto com as crianças, ela contava a história e depois pedia para que eles recontassem da forma como eles achassem melhor, ou através de desenho, ou escrita, ou até mesmo verbalmente, foi muito interessante à aula, cada um recontou a história a sua maneira.

#### **3.4.2 Observações nas salas dos 2º anos**

No 2º ano, grande parte dos alunos já sabiam ler e escrever, então no primeiro dia de observação a professora leu um texto e depois passou no quadro uma atividade de interpretação para que eles pudessem escrever e responder, depois de dar um tempo para as crianças responderem as atividades, a professora chamava os alunos aleatoriamente para responder no quadro até que todas as questões tivessem sido respondidas.

No dia seguinte a professora utilizou o mesmo texto e pediu para que as crianças reescrevessem, mas com o final que elas quisessem, e assim eles fizeram e saíram finais muito criativos, percebi que as crianças gostam muito de reconto, pois se empenham muito para fazê-los.

Na aula da biblioteca a professora escolheu um texto leu para eles e em seguida fez questionamentos verbais onde todos queriam responder, em seguida ela falou que as crianças podiam escolher um texto para ler atentamente que no dia seguinte ela ia fazer perguntas relacionadas ao texto lido.

Em outro dia de observação agora em outra sala do 2º ano a professora falou que seria uma leitura para deleite, onde todos foram para o cantinho da leitura, que é um espaço dentro da própria sala de aula reservado para esse fim, foi

designado um tempo de 20 minutos para que as crianças pudessem ler os livros que estavam expostos ali, ao serem questionados o porquê de leitura para deleite: a mesma explicou que era uma leitura sem compromisso apenas para ler mesmo não haveria atividades baseada naquela leitura.

### **3.4.3 Observações nas salas dos 3º anos**

Nas salas do 3º ano, a observação foi bastante divertida e descontraída, em um primeiro momento houve apresentação da discente (estagiária) junto aos alunos isso fez com que a aproximação fosse mais harmoniosa. Nas observações foi possível ver que a professora já trabalhava a interpretação de texto, ortografia, separação das sílabas entre outras coisas.

Foi lido um livro didático e após essa leitura foi passado atividade com perguntas no próprio livro sem nenhuma intervenção da docente, Na aula da biblioteca os alunos escolheram os livros e leram, sem nenhum auxílio da professora e depois seguiram para sala de aula, onde lá também em nenhum momento se referiram a leitura feita na biblioteca.

Nos dias seguintes, as aulas de leitura, tinham como objetivo dramatizarem histórias infantis, quais sejam: “Menina bonita do laço de fita” e “O cabelo de Lelê”, pois estava próximo do dia da consciência negra, então a história já trabalhava sobre esse tema, a rotina nos dias observados era de ensaios e confecções, as crianças que não iam encenar participava nas confecções dos materiais para a produção do cenário e no figurino, as demais aulas de leitura foram para essas tarefas, no dia da apresentação as crianças estavam lindas e felizes com o resultado.

Questionou-se junto à professora se ela sempre desenvolveu o hábito de dramatizar literaturas em datas comemorativas, ela respondeu que sempre que possível ensaiava as crianças para apresentações, quando não era teatrinho, trabalhava as histórias em forma de música, pois, as crianças gostam bastante.

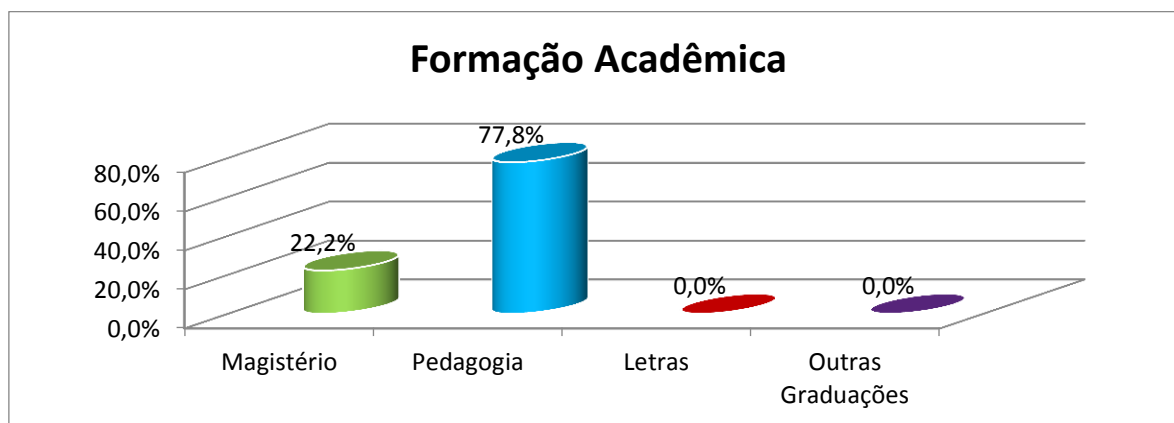
## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo efetivou-se por pesquisas exploratórias e qualitativas, nas discussões teóricas procedeu ao trabalho exploratório cujo objetivo segundo Gil (2002) é buscar e explicitar melhor entendimento sobre um determinado tema, através da exploração de estudos já realizados acerca do que se busca compreender. Os resultados encontrados após essa copiosa busca encontram-se destacados por meio de gráficos e relatos subjetivos dos pesquisados que permitiram ter uma visão mais ampla do tema enfocado e foram analisados à luz das teorias que encontram-se demonstradas a seguir:

### 4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A primeira questão buscou identificar qual a formação dos professores, sete dos pesquisados (77,8%) são formados em Pedagogia e os demais dois (22,2%) têm apenas o magistério, conforme visualizados pelo gráfico 1.

**Gráfico 1 – Qual a sua formação acadêmica**



Importante lembrar que desde os anos iniciais o professor deve ter curso superior para ministrar suas aulas, qualquer que seja o grau de modalidade de ensino. Embora que até pouco tempo não se exigia profissional com formação superior para atuar com crianças de 0 a 6 anos, a presença basicamente feminina neste segmento leva a crer que a mulher até mesmo por suas peculiaridades no

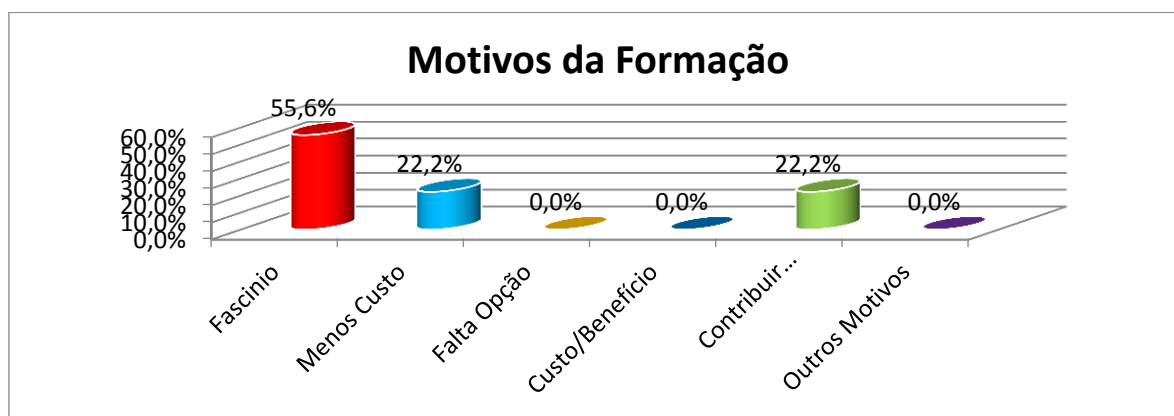
cuidar e educar crianças pequenas contempla essa exigência. Sobre o assunto Moreno (2002, p. 2), diz que:

É urgente a presença de um profissional qualificado para a educação infantil. Isto é, para que se cumpra a lei não cabe mais a idéia de que para trabalhar com criança pequena serve o “profissional menor”, exigindo-se muitas vezes dos candidatos à Educador Infantil, geralmente mulheres, apenas a sua experiência de cuidado dos próprios filhos, irmãos mais novos, filhos da vizinha.

A exigência de professor qualificado veio com a edição da LDB/96, a partir daí os professores de educação infantil também necessitam de formação específica para atuar nesse segmento de ensino.

Com relação aos motivos que levaram os pesquisados a fazer opção pelo curso de graduação supramencionado, as respostas foram: a maioria, totalizando cinco professores (55,6%), disse que a profissão do magistério é fascinante; dois (22,2%) fizeram a opção em virtude de o custo ser mais acessível; e os outros responderam que esperam contribuir para uma educação de qualidade e melhor, respectivamente, conforme o gráfico 2.

**Gráfico 2 – Motivos pelo qual levaram a fazer opção pela sua formação**



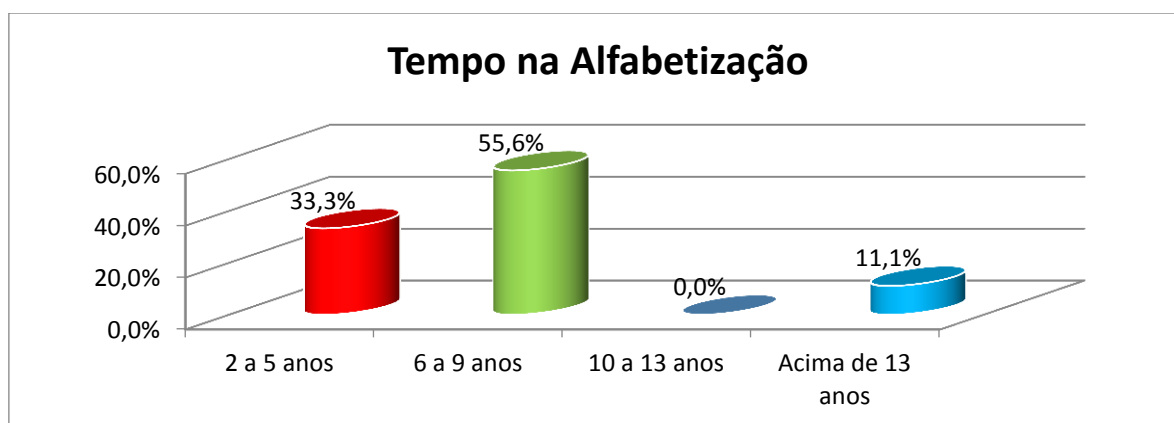
A partir do momento em que se admite que esteja em uma profissão pelo fascínio que ela causa, sem dúvida que esse profissional tende a se destacar dos demais, pois tudo aquilo que se faz com amor tende a produzir melhores resultados.

Questionou-se também se os pesquisados possuem algum curso de especialização e em que área. Dos formados em Pedagogia um disse que é especializado em língua portuguesa e literatura, outro disse que fez Pós-Graduação em Educação Infantil e os demais disseram que se especializaram em gestão

integrada. Percebe-se que apenas dois professores fizeram suas especializações na área educacional em que atuam.

No tocante ao tempo ministrando aulas nos ciclos de alfabetização, pode-se dizer que os pesquisados atuam há um tempo razoável, pois cinco (55,6%) estão nessa atividade entre seis a nove anos; três (33,3%) estão de dois a cinco anos e apenas um (11,1%) já está há mais de treze anos alfabetizando crianças, conforme ilustrado no gráfico 3.

**Gráfico 3 – Quanto tempo ministra aulas em classe de alfabetização**



Quanto mais o professor se dedica em aprimorar seus conhecimentos, quer seja na formação continuada ou em cursos de especialização, este se encontra mais aberto a novos ensinamentos, pois a aprendizagem profissional do professor nunca estará terminada, e nem poderia estar, mesmo porque as questões envolvendo os professores em sala de aula são às vezes complexas e precisam ser assimiladas. Nesse sentido, o professor, a partir de seu contexto, precisa aprender a lidar com os problemas, compreendendo-os de modo contextualizado no espaço da escola e da profissão.

As perguntas feitas a seguir buscaram identificar como o professor avalia os benefícios e a necessidade de se trabalhar com a literatura infantil na alfabetização; para tanto perguntou-se: Você acredita que a literatura infantil incentiva o aprendizado da criança?

Nesta questão, obteve-se cem por cento das respostas afirmativas, ou seja, houve unanimidade dos professores entrevistados concebendo a literatura infantil como um importante instrumento a auxiliar no desenvolvimento de seus alunos; considerando a lição de Coelho (2005, p. 8) "Literatura é arte e, como tal, as



relações de aprendizagem e vivências que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral”.

Portanto desenha-se um quadro otimista ao verificar que os entrevistados declaram reconhecer à importância do uso da literatura infantil na alfabetização, confirmando as hipóteses formuladas no projeto desta pesquisa; acredita-se que as respostas apontam para uma evolução no conceito e na prática dos alfabetizadores na medida em que a efetivação dessa prática conferirá acentuado grau de qualidade ao trabalho educativo.

Na sequência sondou-se a satisfação dos pesquisados com o acervo de livros literários na biblioteca da escola pesquisada; perguntou-se: na escola que você trabalha existe acervo de literatura infantil para incentivar as crianças à leitura? Nesta questão os professores investigados se mostram satisfeitos com o acervo, pois todos responderam afirmativamente, novamente houve unanimidade.

A qualidade da biblioteca e variedade de livros nela disponível é sem dúvida um fator que influencia no trabalho pedagógico, sobretudo quando o professor pretende desenvolver ações que criem o hábito e o prazer pela leitura, mediante as mais variadas atividades. Em se tratando de crianças nos anos iniciais a literatura infantil se mostra um instrumento bastante eficaz para influenciar o gosto pela leitura, ainda que a atividade seja feita interpretando-se as figuras constantes no texto.

Para a compreensão mais ampla dos benefícios da leitura e da literatura para o desenvolvimento da formação integral da criança perguntou-se aos professores entrevistados se acreditam que as atividades envolvendo a Literatura Infantil podem influenciar no desenvolvimento psicossocial e educacional da criança; todos eles responderam afirmativamente. Abramovick (2010) destaca que é por meio da literatura que a criança reúne condições para o desenvolvimento intelectual e a formação de princípios individuais, de tal sorte que pode despertar distintos sentimentos e visões de mundo.

Em outra questão procurou-se verificar como os professores veem a Literatura Infantil enquanto facilitadora do processo de alfabetização, perguntando-lhes se a utilização da Literatura Infantil nas séries iniciais é um recurso facilitador da aprendizagem; houve unanimidade na afirmação de que sim. É farta na literatura a argumentação sobre a importância e a eficácia da Literatura Infantil para a

alfabetização; a título de exemplo cita-se Freitas (2010, p. 3), que enfaticamente afirma:

Trazer o livro de literatura infantil para o processo de alfabetização e letramento não significa apenas entender este instrumento pedagógico como algo descontraído e desvinculado das atividades rotineiras. Além do espaço preparado para a leitura descontraída que precisa ser estrutura obrigatória da instituição, a literatura infantil precisa estar dentro das salas de aula como trabalho pedagógico. Este trabalho pedagógico tenciona oferecer conhecimentos de leitura, isto é, a interpretação e compreensão do texto a ser valorizado, considerando o livro em si

Ao falar de trabalho pedagógico não significa utilizar o livro simplesmente para produzir atividades didáticas, mas proporcionar de forma competente, momentos lúdicos de leitura e escrita, visto que ao ler um livro, muito pode ser explorado pelo educador e pelo educando.

A pergunta seguinte refere-se ao entendimento dos pesquisados quanto a contribuição das atividades envolvendo Literatura Infantil para a aprendizagem da leitura e escrita de forma lúdica; todos os professores, responderam afirmativamente. Nesse tocante, Barros (2013, 30) diz que:

Quanto mais cedo a criança entra em contato com o mundo da literatura, mais chances terá de se tornar um futuro leitor. O conhecimento do objeto livro, a familiaridade com ele, o saber que objeto é esse, a possibilidade de manipulá-lo são estímulos para incentivar o hábito da leitura no futuro leitor

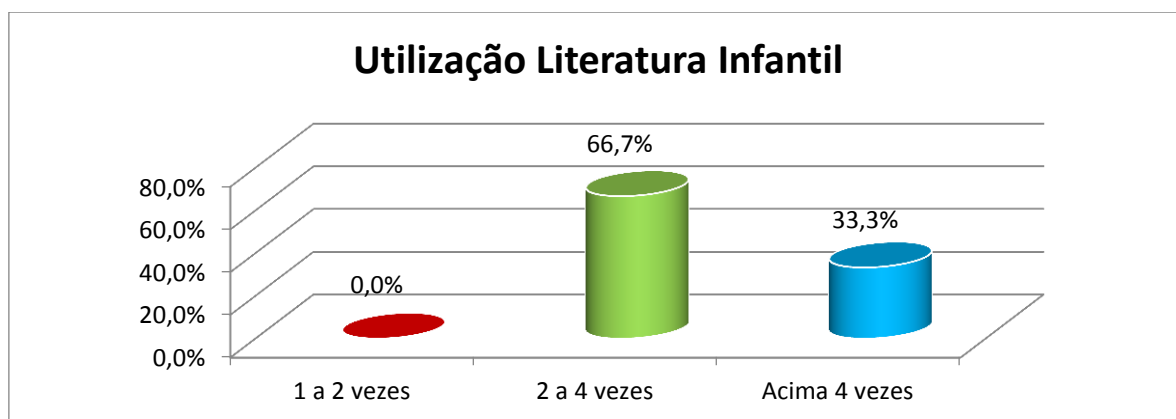
Coelho (2002) comunga com o citado pensamento, destacando que a partir do momento em que se emprega a literatura para ensinar a escrever, além de tornar esse processo mais lúdico e expressivo, também se permite que os educandos possam produzir textos e, desse modo, aprimorem a própria produção de histórias. Isso acontece porque a literatura quando utilizada como suporte pedagógico para a alfabetização engrandece esse processo e, por conseguinte, é engrandecida por ele.

Considerando-se que todos os professores reconhecerem os benefícios da Literatura Infantil no processo de alfabetização, da mesma forma que na literatura sobre o assunto há inúmeras argumentações confirmando a importância dela para tanto, mostrou-se pertinente a questão indagando sobre o grau de importância da Literatura Infantil no processo de ensino aprendizagem nas séries iniciais.

Novamente houve unanimidade nas respostas, tendo os pesquisados manifestado que a literatura infantil é de extrema importância no processo alfabetizador e na aprendizagem.

Quando se perguntou se os entrevistados utilizam Literatura Infantil em sala de aula, todos responderam que sim. Na sequência procurou-se saber com que frequência ela é utilizada em sala de aula semanalmente; os números decorrentes das respostas ficaram assim distribuídos: 3 (33,3%) disseram que a utilizam acima de quatro vezes e a grande maioria, representada por 6 (66,7%), geralmente lança mão da literatura infantil de duas a quatro vezes na semana (gráfico 4).

**Gráfico 4 – Qual a frequência que utiliza a literatura infantil na semana em sala de aula**



A Literatura Infantil tem o seu grau de importância à medida que permite à criança ter um conhecimento de mundo, pois, com ela, ela pode adquirir conhecimento da realidade e relacioná-la com suas experiências pessoais. O senso crítico do infante se desenvolve com a leitura, pois a partir dela, o aluno dialoga, questiona e concorda ou não com a visão do autor, e desse modo acaba se superando no aprendizado.

Vale ressaltar que o fato de a Literatura Infantil ser destinada aos pequenos não significa que ela tenha de ser empregada com uma linguagem infantilizada, mesmo porque considerações mais diversificadas tornam o texto mais rico. Na verdade, quer seja na escola ou fora dela, há a urgência de se ficar atento aos aspectos textuais e materiais dos livros de literatura, assegurando desse modo à criança o acesso aos bens culturais do meio em que ela se encontra inserida.

Por fim, apresentaram-se quatro questões abertas, sobre as quais os pesquisados puderam manifestar suas opiniões, permitindo as mais diversas respostas. A primeira questão procurou saber quais as metodologias adotadas pelos professores pesquisados para contar histórias, destacando-se as seguintes respostas fornecidas:

*Marleide<sup>3</sup>: Na verdade utilizam-se diversas metodologias, podemos destacar: reconto, imitação de vozes dos personagens, peças teatrais, etc.;*

*Jacutinga: Normalmente realizam-se leituras variadas e busca-se fazer entonação e imitação de vozes;*

*Cineide: As metodologias são diversas, teatro, música, leitura conjunta, etc.;*

*Jabulanni: Uso frequentemente metodologias como, por exemplo: teatro, música, entonação, fantoches entre outras;*

*Alcunhã: inúmeras, como: teatro, música, reconto, cantinho da leitura, leitura compartilhada, músicas entre outras.*

Pode-se dizer que a contação de histórias encontra-se interligada de forma direta ao imaginário infantil, como bem expressado por Mateus et al (2012, p. 56-7):

O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura; o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças.

Assim, ao se utilizar a leitura por meio da contação de histórias, como metodologia para desenvolver o aluno, melhora-se o seu desempenho na escola; ademais tal procedimento responde suas carências afetivas e intelectuais através do contato com os conteúdos simbólicos das leituras trabalhadas com a literatura infantil.

Procurou-se saber ainda se os professores utilizam diferentes gêneros textuais, caso afirmativo, quais são. As respostas foram as mesmas, então descreve-se a fala de uma professora que reflete essa opinião: *Marleide: “Sim, utilizam-se poemas, lendas, parlendas, **fábulas**, recitais etc.” (grifo nosso).* Ao utilizar as fábulas em seu magistério o professor estará interligando uma ação e a

---

<sup>3</sup> Conforme já mencionado todos os nomes listados dos professores pesquisados são meramente fictícios.

sua reação, precedida do discurso que certamente levará o pequeno leitor a refletir sobre o que está sendo lido.

De acordo com Fernandes (2001), fábula é um gênero que, assim como os demais gêneros narrativos, registra as experiências e o maneira de viver de um determinado povo. Seu objetivo maior instigar reflexões quanto a valores, incluindo-se aí: respeito, diferenças, amizade, companheirismo, dentre outros.

Solicitou-se que discorressem acerca das dificuldades de utilizar a Literatura Infantil em sala de aula, a maioria disse não verificar nenhuma dificuldade e aponta que essa é uma ferramenta importante na orientação dos seus trabalhos. Descrevem-se algumas respostas para ilustrar o aludido.

*Cineide: O maior problema encontrado se resume na falta de concentração de alguns alunos quando se emprega a literatura em sala de aula;*

*Jabulanni: Não vejo nenhuma dificuldade, o que acontece é que crianças gostam de diversidades, se as histórias sempre são contadas da mesma forma eles não prestam atenção;*

*Alcunhã: Pelo contrário, a literatura infantil contribui muito para o desenvolvimento da leitura e a escrita.*

De acordo com as respostas elencadas, é possível dizer que a literatura é importante ao aprendizado da criança e para o currículo escolar, no entendimento de Lajolo (2002, p. 106): “o cidadão para exercer plenamente sua cidadania precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos”. Percebe-se que a ao ler a criança desenvolve seus conhecimentos e tende a ser mais participativa na sociedade.

Por fim, a última questão aberta inquiriu se as histórias infantis oportunizam atividades que objetivam a interdisciplinaridade na alfabetização, tornando esta menos cansativa e repetitiva para as crianças. Todos os professores pesquisados afirmaram que sim, versando a maioria de seus argumentos sobre o enriquecimento vocabular e a descoberta de novos ensinamentos. Oportuno realçar algumas respostas:

*Marleide: Sim, porque auxilia o aluno no processo de alfabetização, levando-o a leitura mesmo que ainda imatura.*

*Jacutinga: Sim. É fundamental o contato da criança com o mundo da literatura, mesmo antes de lerem de forma convencional;*

*Jaryana: Sim, porque as histórias infantis proporcionam à criança desenvolver o hábito de leitura e interpretação, levando-a a pensar e expressar seus sentimentos e opiniões;*

*Jabulanni: Sim. Através das histórias contadas as crianças viajam por inúmeras disciplinas e ainda desenvolvem o seu lado cognitivo;*

*Manitiara: Sim. As crianças se divertem aprendendo através da literatura infantil, e não apenas a leitura, mas também outras disciplinas.*

Sobre esse, assunto Andrade (2007, p. 31) traz o seguinte entendimento que considera essencial.

O desenvolvimento dessas crianças só ocorrerá em todas as dimensões se sua inserção na escola fizer parte de algo que vá além da criação de mais uma sala de aula e da disponibilidade de vagas. Os desafios que envolvem esse momento são muitos. Para algumas crianças, essa será a primeira experiência escolar, então, precisamos estar preparados para criar espaços de trocas e aprendizagens significativas, onde as crianças possam, nesse primeiro ano, viver a experiência de um ensino rico em afetividade e descobertas

Pode-se dizer então que o mundo da criança é peculiar, ou seja, elas vivem de uma maneira própria de ser e interagir com o mundo. Assim, aos professores cabe criar um ambiente acolhedor e afetivo para que a criança possa vivenciar a sua infância de forma saudável e plena, sendo não apenas criança dentro da escola, mas fora dela também.

Embora as respostas dos professores pesquisados em linhas gerais apontam que nessa escola a literatura infantil é um mecanismo primordial ao desenvolvimento da leitura e escrita e que por isso a utilizam continuamente, a realidade observada não é assim tão majestosa, levando-se em conta aquilo que realmente faz a diferença para as crianças.

É preciso ter em mente que, na sala de aula o ato de ler deve ter propósitos ligados ao interesse das crianças para que elas possam interagir com a leitura, desenvolvendo assim o hábito de ler com prazer e com interesse. Desta maneira as dificuldades que possam surgir serão mais fáceis de serem resolvidas, pois, através da leitura cada criança apresenta seu modo peculiar de compreensão, cabendo ao professor diferenciar e aplicar metodologias diferenciadas para que todas as crianças possam se tornar leitores cada um com sua individualidade.

O pressuposto sustentado é que, embora a leitura seja um dos meios fundamentais pelos quais o desenvolvimento da criança pode se constituir, falta à escola um trabalho mais consistente e laborioso no que diz respeito ao incentivo à leitura como uma via importante para inserção do aluno no universo do letramento e tal via não segue outro caminho senão pelas veredas da literatura infantil.

Desse modo, no contexto didático-pedagógico das séries iniciais não há uma tendência de se trabalhar a literatura infantil como uma forma produtiva de aquisição da leitura, ou seja, os professores alfabetizadores não utilizam a literatura infantil de maneira instigante, impedindo que as crianças se divirtam com a prática da leitura, resultando algumas vezes na perda de interesse por ela, levando-as assim a distanciarem-se cada vez mais do mundo letrado, de fundamental importância para o seu pleno desenvolvimento cognitivo.

Porém, ainda sim observou-se que no contexto docente existem professores compromissados em oferecer uma educação de qualidade, na qual a literatura infantil constitui o mecanismo que fará a diferença no processo de ensino aprendizagem, pois as crianças se identificam com textos literários infantis e, por conseguinte, serão o grande diferencial na produção do conhecimento e na formação de crianças letradas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda essa pesquisa discutiu-se a importância da Literatura infantil na formação de leitores, foram investigadas quais metodologias eram adotadas para utilização da literatura como contribuição para formação de criança leitoras.

Os resultados obtidos na pesquisa empírica confirmaram a hipótese enunciada na introdução deste trabalho, pois pelas observações feitas na escola pesquisada verificou-se que nem todos os professores utilizam de metodologias enriquecedoras para que as crianças aceitem mais os conteúdos quando estes estão recheados com histórias infantis, todavia aquele professor que se utiliza de metodologias diversificadas lhes abriu um mundo de encantos e imaginações, além de lhes oportunizar uma melhor vivência de seus sentimentos, potencializada pela relação com os colegas e professores.

Constatou-se na pesquisa de campo que a despeito de muitos professores estarem comprometidos com a qualidade do ensino e com seus alunos, ainda existem casos em que a literatura infantil é tratada com menosprezo, como algo sem importância, muitas vezes até como forma de castigo; por exemplo, se a criança não obedeceu, a professora pede para que ela leia uma história como forma de puni-la. Outros óbices são a falta de recursos, os acervos literários insuficientes e desatualizados, a carência de bibliotecários e cursos específicos na área, gerando tudo isso um problema cíclico, cada um redimindo-se da culpa, atribuindo-a a outro. Nesse contexto os pais apontam a escola como responsável e esta procura se isentar colocando a culpa nos governantes, por falta de verbas e de melhores condições de trabalho. No meio dessa batalha estão às crianças, maiores prejudicadas.

Por conseguinte, é possível dizer que, ler e ouvir histórias não são um ato isolado ou passivo, aliás, se transforma em um caminho em que existem inúmeras possibilidades de se trabalhar com as crianças nas séries iniciais. A leitura não precisa ser somente convencional, pode ser teatral, musical, pois há vários meios de se contar histórias para crianças sem se desvencilhar das mensagens contidas nos livros de literatura infantil.

Cabe ao professor conduzir da melhor maneira possível os pequenos leitores



É por isso que, no contexto escolar as histórias servem de fonte de aprendizagem e desenvolvimento. É inegável admitir desse modo que a literatura infantil serve para reforçar os processo de desenvolvimento e descobertas da criança. Elas aprendem desde cedo que a linguagem dos livros tem as suas próprias convenções e que as palavras podem criar mundos imaginários.

Através da literatura infantil a criança faz novas descobertas, pois utilizando-a na aprendizagem o infante tem a oportunidade de se colocar no lugar dos personagens e buscar resolver as questões propostas pela história, cada um a sua maneira; ademais os textos infantis possibilitam uma relação mais aprazível da criança com os colegas e professores, propiciando na sala de aula o estabelecimento de um ambiente dinâmico e acolhedor. Dessa maneira, aflora-se mais o processo cognitivo da criança e conseqüentemente propicia-se mais o seu aprendizado.

Pesquisar a importância da literatura infantil foi bastante enriquecedor e encantador, visto que, nos tempos de hoje com a tecnologia muito avançada as crianças acabam perdendo o hábito da leitura, o que é muito prejudicial para o seu desenvolvimento intelectual, então é necessário que os professores no âmbito escolar possam resgatar essa cultura literária nas crianças. As ponderações aqui elencadas não são finitas, mas direcionam para um aprofundamento no assunto, de modo a se colocar a Literatura Infantil em sua verdadeira dimensão no cotidiano escolar. Logo, esta pesquisa é apenas um começo e mediante a qual tem-se a esperança de instigar futuros pesquisadores no tema para reforçar a concepção de que a literatura infantil é sim de grande valia para o processo de aquisição da leitura, da escrita e do desenvolvimento cognitivo da criança. Este é o grande desafio!

Cabe ao professor conduzir da melhor maneira possível os pequenos leitores. Esperamos ter contribuído de alguma forma para a compreensão da temática que propusemos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: Gostosuras e Bobices. 8. ed. São Paulo: Scipione, 2010.
- AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, M.G. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ANDRADE, Carlos Drumond de. Infância na escola e na vida: uma relação fundamental. *In*: BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação básica, 2007.
- ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional – novas estratégias**. 9. ed. Petropolis. Vozes, 2002.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2002.
- BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- BARROS, Paula Rúbia P. D. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. LINS – SP, 2013.
- BASSO, Cíntia Maria. **A literatura infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos**. 2011. Disponível em: <[www.ufsm.br/lec/02\\_01/CintiaLC6.htm](http://www.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm)>. Acesso em: 26 abr. 2015.
- BATISTA, A. A. G. Alfabetização, leitura e escrita. *In*: CARVALHO, Rosa H. M. (Org.) **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BOLFER, M. M. O. **Reflexões sobre prática docente: estudo de caso sobre formação continuada de professores universitários**. Piracicaba, 2008
- BOMTEMPO, Luzia. **Alfabetização com sucesso**. Belo Horizonte: Ed. da autora, 2002.
- BOTELHO, André. **A Pequena história da literatura brasileira**: provocação ao modernismo. Texto recebido e aprovado em 30/7/2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n2/v23n2a06>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

BRASIL, **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade. 7. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional**. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: Língua Portuguesa. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pró-Letramento**: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem: formação de professores... ed. rev. e ampl. / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

BRANDÃO, H. H. N.; MICHELETTI, G. **Teoria e prática da leitura**. In: **Coletânea de textos didáticos**. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil**: Visão Histórica e Crítica. 4. ed. Global. São Paulo. 1985.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil Teoria Analise Didática**. 7. ed. São Paulo. Moderna, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Conto de Fadas Símbolos Mitos e Arquétipos**. 2. edição. São Paulo, Ática. 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2010.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2002.

\_\_\_\_\_. **Panorama Histórico da Literatura Infantil Juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização e Letramento**: Repensando o Ensino da Língua Escrita. Abril 2012. Disponível em: <<http://cgceducacao.com.br/alfabetizacao-e-letramento-silvia-colello/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

CORACINI, M. J. R. (Org). **O jogo discursivo na aula de leitura**: língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 2002.

CORDEIRO, V. M. R. Cenas de Leitura. In SILVA, Vera M. T.; TURCHI, Maria Z. (Org.). **Leitor formado, leitor em formação literatura literária em questão**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2006.

DALVI, M,A et al (Org.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

FERNANDES, M.T. O. S. **Trabalhando com os gêneros do discurso**. Narrar: fábula/ coleção Jacqueline Peixoto Barbosa – São Paulo: FTD, 2001 – (Coleção trabalhando com os gêneros de discurso).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época, 13).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1999.

FREITAS, Eduardo de. **Professor incentivador da Leitura**. Canal do Educador. 2010. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com>. Acesso em: 05 nov. 2015.

GARCIA, Regina Leite Garcia. **Novos olhares sobre a alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIOLLO, Tamiris Aparecida Cadoni. **Literatura infantil e infância**: um panorama histórico da produção literária voltada para Crianças. Capivari, São Paulo. 2012. Disponível em: <[www.cneccapivari.br/libdig/index.php?option=com...view...id](http://www.cneccapivari.br/libdig/index.php?option=com...view...id)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

GÓES, Lucia Pimentel. **A aventura da Literatura para crianças**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

GOUVEIA, B.; ORENSZTEJN, M. Alfabetizar em contextos de letramento. In: CARVALHO, Rosa H. M. (Org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7. ed. São Paulo : Ática, 2004.

KLEIMAN, A. Leitura e práticas disciplinares. In: Coletânea de textos didáticos. **Componente curricular Leitura e elaboração de textos**. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LEITE, S. A. S. (org.) **Alfabetização e letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas, Komedi/Arte Escrita, 2001.

LEMOS, Adriana Dalla Bernardina Furtado de. A importância da literatura na educação infantil. 2011. Disponível em: <[http://www.crechejeitodeser.com.br/artigos/artigo\\_02.pdf](http://www.crechejeitodeser.com.br/artigos/artigo_02.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2015.

LOPES, Leandro. **Origem da escrita**. maio de 2009. Disponível em: <<http://profleandrolopes.blogspot.com.br/2009/05/origem-da-escrita-trabalho-para-as-7.html>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MATEUS, Ana do Nascimento B. [et al]. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. 2012. <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 3. ed – São Paulo: Brasiliense, 1997.

MESQUITA, Armindo. Como formar jovens leitores? **Nuances**: estudos sobre Educação. Presidente Prudente, SP, ano XII, v. 13, n. 14, p. 15-30, jan./dez. 2006. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/367/402>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível**: Reinventando o ensinar e o aprender. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MORENO, G. L. **Professor de Educação Infantil**: identidade, formação e perspectivas. I Encontro de Educação Infantil: formando a criança cidadã: um desafio ao educador infantil, Londrina, 2002.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Leitura**. Campinas: UNICAMP, 1993.

PERRISÉ, Gabriel. **Filosofia, ética e literatura**: uma proposta pedagógica. São Paulo, 2004.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 2. ed. São Paulo: Rêspel, 2003.

QUENTAL, Joana Maria Ferreira Pacheco. **Ideogramas Interactivos** Para um estudo dos ícones em interfaces multimédia. Universidade do Porto Faculdade de Belas-Artes, Porto: 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**. 8. ed. revista e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. rev. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura no contexto escolar**. 2011. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei\\_l.php?t=001](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_l.php?t=001)>. Acesso em: 06 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA FILHO, José T. **Da escrita ao livro**. maio 2010. Biblioteca Pedro Calmon. Disponível em: <[http://scriptusdigitais.com.br/2010\\_05\\_01\\_archive.html](http://scriptusdigitais.com.br/2010_05_01_archive.html)>. Acesso em: 02 fev. 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo : Contexto, 2003.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). 5. ed. – São Paulo: Ática, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1996.

TFOUNI, Leda. .V. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

VIEIRA, Eliany. **Literatura infantil incentivando o desenvolvimento da imaginação e fantasia**. 2004. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/elainemaria5099940/monografia-eliany>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

VYGOTSKI, Lev Semnovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura brasileira: História e crítica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo, Global, 2005.

\_\_\_\_\_. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1987.

ZETTEL, Fernanda. **A origem da escrita**. 2002. Disponível em:  
<<http://www.cacosdaufpr.hpg.ig.com.br/cacos/histcom.htm-13k>>. Acesso em: 18 out.  
2014.

## **APÊNDICE**



## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS DE ARIQUEMES

---

1) Qual a sua formação acadêmica?

Magistério ( ) Pedagogia ( ) Letras ( ) Outras Graduações ( )

2) Tem pós graduação?

( ) sim \_\_\_\_\_ não ( )

3) Quais foram os motivos que levaram você a optar por essa formação?

Profissão me fascina ( ) Menor Custo ( ) Falta de opção ( ) Custo/Benefício ( )

Contribuir p/uma educação melhor ( ) Exigência dos Pais ( ) Outros motivos ( )

4) Há quanto tempo ministra aulas na Alfabetização

2 a 5 anos ( ) 6 a 9 anos ( ) 10 a 13 anos ( ) Acima de 13 anos ( )

5) Acredita que a literatura infantil incentiva o aprendizado da criança?

Sim ( ) Não ( ) Parcialmente ( )

6) Na escola que você atua existe acervo de literatura infantil para incentivar as crianças à leitura?

Sim ( ) Não ( ) Parcialmente ( )

7) Acredita que atividades envolvendo a Literatura Infantil podem influenciar no desenvolvimento psicossocial e educacional da criança?

Sim ( ) Não ( ) Parcialmente ( )

8) A Literatura Infantil utilizada nos anos iniciais da alfabetização das crianças nas é um recurso facilitador da aprendizagem?

Sim ( ) Não ( ) Parcialmente ( )

9) Atividades envolvendo a literatura infantil contribuem para desenvolver a leitura e escrita de uma forma lúdica e coerente.

Sim ( ) Não ( ) Parcialmente ( )

10) Você utiliza a literatura infantil em sala de aula?

Sim ( ) Não ( ) Raramente ( )

11) Se utiliza literatura infantil em sala de aula, qual a frequência semanal?

De 1 a 2 vezes ( ) De 2 a 4 vezes ( ) Acima de 4 vezes ( )

12) Qual o grau de importância da literatura infantil ao processo de ensino aprendizagem da leitura nos anos iniciais?

Muito Importante ( ) Importante ( ) Nada importante ( )

13) Quais as metodologias adotadas por você para contar as histórias?

---

---

---

---

14) Você utiliza diferentes gêneros textuais? Se usa, Quais?

---

---

---

---

15) Discorra sobre as dificuldades de utilizar a literatura infantil em sala de aula?

---

---

---

---

16) As histórias infantis oportunizam atividades que objetivam a interdisciplinaridade na alfabetização tornando esta menos cansativa e repetitiva para as crianças? Explique.

---

---

---

---